



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA-UFBA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**CAMILA DO NASCIMENTO SOUZA**

**PRÁTICAS EDUCATIVAS NAS REDES: O ENSINO DE INGLÊS NO  
TIKTOK**

**SALVADOR**

**2023**

**CAMILA DO NASCIMENTO SOUZA**

**PRÁTICAS EDUCATIVAS NAS REDES: O ENSINO DE INGLÊS NO  
TIKTOK**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação na Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Verónica Sofia Ficoseco

**SALVADOR**

**2023**

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Souza, Camila do Nascimento.

Práticas educativas nas redes: o ensino de inglês no *tiktok*  
[recurso eletrônico] / Camila do Nascimento Souza. - Dados eletrônicos. - 2022.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Verónica Sofia Ficoseco.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia.  
Faculdade de Educação, Salvador, 2023.

Disponível em formato digital.

Modo de acesso: <https://repositorio.ufba.br/>

1. Língua inglesa. 2. Formação de professores. 3. Prática de ensino. 4. Plataforma digital. 5. Redes sociais online. 6. Prática pedagógica. I. Ficoseco, Veronica Sofia. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 428 - 23. ed.

# CAMILA DO NASCIMENTO SOUZA

## PRÁTICAS EDUCATIVAS NAS REDES: O ENSINO DE INGLÊS NO TIKTOK

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação na Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Salvador, 11 de outubro de 2023

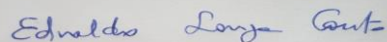
### Banca Examinadora

Profª. Dra. Verónica Sofia Ficoseco  
Doutora em Comunicação pela Universidad Nacional de la Plata, Argentina  
Universidad Nacional de la Patagonia Austral



---

Prof. Dr. Edvaldo Souza Couto  
Dr. em Educação Universidade Estadual de Campinas  
Universidade Federal da Bahia



---

Profª. Dra. María Rosa Chachagua  
Dra. em Comunicação Universidad Nacional de la Plata, Argentina  
Universidad Nacional de Salta, Argentina



## **DEDICATÓRIA**

À minha mãe, que me incentivou desde o início. Se não fosse por ela, pela insistência, por acreditar demais em mim, nada disso teria acontecido.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro à minha mãe, meus avós Pedro (em memória) e Maria Helena, que me acompanharam durante toda a vida. À minhas tias, Roseli, Rosislei e Cassiana; ao Emerson, meu companheiro e muito meu amor, pela compreensão nos dias de exaustão e choro, dos dias de silêncio quando eu tava enfurnada na pesquisa; meus amados primos que assistiram toda essa minha jornada de loucura, Lígia, Renan e César, me salvaram com saídas pra que eu pudesse respirar, falar muito mal da vida dos outros – quem nunca – e dar risada; As meninas que foram minha companhia durante o tempo que estive em Salvador, Ianna, Emily e Quetilen, que se tornaram irmãs; À Leca, minha comadre e irmã de alma, que sempre teve as melhores palavras, ao Kaique, meu amigo de outras vidas e de quantas mais existirem; Ao Léo, o amigão de todas as horas que a vida me deu; À Paty, com todo cuidado e conversa boa. Não posso de deixar de agradecer ao meu afilhado amado, o Lucca que conviveu nos seus primeiros anos de vida com a ausência da dinda e também, a minha primeira bebê do coração, a minha valente Isabella. E com certeza, agradecer a paciência, compreensão - porque afinal, minha vida é uma montanha russa – amorosidade e parceria da minha orientadora, a Prof<sup>a</sup> Dra. Veronica Sofía Ficoseco, até quando eu quase enlouqueci, ela não desistiu de mim.

Sou grata a ancestralidade que me acompanha, a Oxum que é viva e presente em minha vida; também a todos os que passaram por mim, colaborando pra que eu conseguisse assistir aula, pra que eu fizesse um trabalho, uma pesquisa, entrevista.

E por fim, parafraseando Anitta, agradeço a mim mesma, porque eu trabalho muito!

*“O que vai acontecer já está acontecendo. Porque no céu, esta imensa roda de tecer, tudo acontece em continuidade. Não há nada que aconteça no futuro que não tenha acontecido no passado (...) é preciso estar presente para saber onde o caminho aponta. Ser o fio, a mão que tece. (Laura Berbert)”*

SOUZA, Camila do Nascimento. **Práticas Educativas Nas Redes: O Ensino De Inglês No Tiktok**. Orientadora: Verónica Sofia FicoSeco 2023. Dissertação – Mestrado em Educação – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

## RESUMO

A presente pesquisa possui como objetivo geral analisar as práticas docentes de professores brasileiros de inglês na plataforma TikTok. Por isso, os objetivos específicos trataram de descrever as práticas dos docentes, compreender metodologias de ensino e estratégias pedagógicas utilizadas e, analisar as percepções dos professores acerca de suas próprias práticas e motivações como educadores que produzem conteúdo para a plataforma. Para coleta de dados, utilizamos entrevistas semiestruturadas e a análise de vídeos e perfis no TikTok. Nossa análise foi qualitativa, descritiva e crítica. Os resultados da pesquisa indicam que os professores de língua inglesa que produzem conteúdo no TikTok desenvolvem estratégias para estabelecer uma marca e uma identidade distintas, com o objetivo de alcançar um público mais amplo. Além disso, eles produzem conteúdo em outras plataformas e procuram seguir tendências para aumentar suas visualizações e curtidas. Os objetivos principais desses professores incluem tornar o aprendizado da língua inglesa acessível ao grande público, buscar oportunidades de monetização e explorar possibilidades de inovação na prática pedagógica. No entanto, a análise revelou que as técnicas pedagógicas predominantes ainda são as tradicionais do ensino de inglês. Quanto à produção de vídeos, os professores utilizam principalmente as ferramentas e recursos nativos oferecidos pela plataforma para criar, editar e formatar seus vídeos.

**Palavras-chave:** Plataformas sociais; Professores; Práticas pedagógicas; Língua Inglesa; TikTok



SOUZA, Camila do Nascimento. **Educational Practices on Social Media: Teaching English on TikTok**. Mentor: Verónica Sofia Ficooseco 2023. Dissertation. Master in Education – Education University – Post Graduation Program in Education, Federal da Bahia University, 2023

## ABSTRACT

The present research aims to analyze the teaching practices of Brazilian English teachers on the TikTok platform. Therefore, the specific objectives were to describe the teachers' practices, understand the teaching methodologies and pedagogical strategies used, and analyze the teachers' perceptions of their own practices and motivations as educators who create content for the platform. For data collection, we used semi-structured interviews and the analysis of videos and profiles on TikTok. Our analysis was qualitative, descriptive, and critical.

The research results indicate that English language teachers who produce content on TikTok develop strategies to establish a distinct brand and identity with the aim of reaching a wider audience. Furthermore, they produce content on other platforms and seek to follow trends to increase their views and likes. The main objectives of these teachers include making English language learning accessible to a broad audience, pursuing monetization opportunities, and exploring possibilities for innovation in pedagogical practice. However, the analysis revealed that traditional teaching techniques still predominate in English language education. As for video production, teachers primarily use the native tools and features offered by the platform to create, edit, and format their videos.

**Key Words:** Social Network. Teachers; Educational Practices; English; TikTok

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Perfil do TikTok Teacher Tiago Rocha.....	47
<b>Figura 2.</b> Perfil do TikTok – Teacher Mari .....	49
<b>Figura 3.</b> Perfil da Teacher Karen Piunti .....	51
<b>Figura 4.</b> Aluno chega até o professor pedindo ajuda .....	56
<b>Figura 5.</b> Sequência de diálogo entre <i>teacher</i> e <i>student</i> com algumas variações regionais da Bahia. ....	57
<b>Figura 6.</b> Sequência em que ocorre a correção do verbo tentar em inglês.....	58
<b>Figura 7.</b> “The zombies are trying to eat me” .....	59
<b>Figura 8.</b> Sequência da situação problemática do aluno .....	60
<b>Figura 9.</b> Big Knife Pain – Dor de facão .....	61
<b>Figura 10.</b> “Tencall” my phone .....	62
<b>Figura 11.</b> TikTok Crashed .....	63
<b>Figura 12.</b> “Dance with ING” .....	63
<b>Figura 13.</b> “Teacher, turn off my phone.” .....	64
<b>Figura 14.</b> “H” Mudo .....	66
<b>Figura 15.</b> Palavras com H Mudo. ....	67
<b>Figura 16.</b> Falando como um nativo .....	68
<b>Figura 17.</b> Expressões idiomáticas .....	69
<b>Figura 18.</b> Outros modos de falar “you’re welcome.....	70
<b>Figura 19.</b> Outros modos de falar you’re welcome parte 2 .....	71
<b>Figura 20.</b> Have a Good One. ....	72
<b>Figura 21.</b> Pen Drive .....	74
<b>Figura 22.</b> USB Drive/Flash Drive .....	75
<b>Figura 23.</b> The bomb has been planted .....	76
<b>Figura 24.</b> Present Perfect .....	77
<b>Figura 25.</b> Spot+Identify .....	78

## LISTA DE TABELAS E QUADROS

<b>Tabela 1.</b> Recapitulação dos vídeos analisados .....	79
<b>Tabela 2.</b> Entrevista com o Teacher Tiago Rocha.....	92
<b>Tabela 3.</b> Entrevista com a Teacher Mariana Ferrari.....	94
<b>Tabela 4.</b> Entrevista com a Teacher Karen Piunti .....	95

# SUMÁRIO

MEMORIAL .....	13
1. INTRODUÇÃO .....	16
PERGUNTAS DE PESQUISA:.....	21
OBJETIVOS: .....	22
2. METODOLOGIA .....	23
3. MARCO TEÓRICO .....	26
3.1 OS DESAFIOS DAS TIC NA EDUCAÇÃO .....	26
3.2 CULTURA DIGITAL E CIBERESPAÇO: EDUCAÇÃO COM AS PLATAFORMAS 28	
3.3 AS TIC NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA .....	32
3.4 PLATAFORMAS SOCIAIS E ENSINO DE LÍNGUA INGLESA.....	35
3.5 O TIKTOK E O ENSINO NA PLATAFORMA .....	38
4. EXPERIÊNCIA DOS DOCENTES CRIADORES DE CONTEÚDO: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	45
4.1 ENTREVISTA TEACHER TIAGO ROCHA - @TEACHERTIAGOROCHA .....	46
4.2 ENTREVISTA TEACHER MARIANA FERRARI: @_TEACHERMARI.....	48
4.3 ENTREVISTA TEACHER KAREN PIUNTI - @KARENPIUNTI .....	49
4.4 ANÁLISE INTEGRADORA DAS ENTREVISTAS .....	52
4.4.1 CONTEXTOS DA PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS.....	52
4.4.2 APRESENTAÇÃO E PERCEPÇÃO DAS PRÁTICAS.....	52
5. ANÁLISE DOS VÍDEOS DO TIKTOK.....	55
5.1 VÍDEOS TEACHER TIAGO ROCHA .....	55
5.1.1 IN ENGLISH, PLEASE? – COMO SE DIZ LÁ ELE EM INGLÊS? (THE WALKING DEAD).....	55
5.1.2 IN ENGLISH, PLEASE? –QUEM É VOCÊ NO PLAYDANCE?” .....	59
5.1.3 PALAVRAS EM INGLÊS COM “H” MUDO. ....	65
5.2 VÍDEOS TEACHER MARIANA FERRARI.....	68
5.2.1 “7 PALAVRAS QUE TE FARÃO FALAR COMO UM NATIVO” .....	68
5.2.2 NINGUÉM FALA YOU’RE WELCOME.....	69
5.2.3 COMO FALAR “TENHA UM BOM DIA” EM INGLÊS .....	71
5.3 VÍDEOS TEACHER KAREN PIUNTI.....	73
5.3.1 PEN DRIVE NÃO É PEN DRIVE EM INGLÊS.....	73
5.3.2 THE BOMB HAS BEEN PLANTED – COUNTER STRIKE .....	75

5.3.3 SPOTIFY .....	77
5.4 ANÁLISE INTEGRADORA DOS VÍDEOS DOS DOCENTES .....	79
5.4.1 DESCRIÇÃO GERAL DOS VÍDEOS .....	79
5.4.2 ESTRATÉGIAS VISUAIS E CONTEÚDO .....	81
5.4.3 ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS DOCENTES .....	83
6. CONSIDERAÇÕES .....	86
REFERÊNCIAS .....	88
ANEXO A – FORMULÁRIO DAS ENTREVISTAS .....	93
TABELA 2. ENTREVISTA DO TEACHER TIAGO ROCHA.....	93
TABELA 3. ENTREVISTA DA TEACHER MARIANA FERRARI .....	95
TABELA 4. ENTREVISTA COM A TEACHER KAREN PIUNTI .....	96

## Memorial

Minha jornada não é linear, pode até não fazer sentido. Eu vim de uma família que as mulheres, mulheres pretas - importante dizer - são professoras; Minha vó, minha mãe, minha madrinha, minhas primas. Eu já ouvi todo tipo de coisa, geralmente de pessoas que não são da área da Educação, do quanto é ruim e de como meu talento é um desperdício em sala de aula.

Vivi uma vida, até agora, entre as palavras, os livros, as fanfics e os fóruns de filmes e séries, as perdas, mudanças de cidade, de Estado, de espírito. Eu fui uma criança que aos 8 anos decorou uma gramática do livro da 3ª série, um dos muitos que minha mãe tinha lá, daqueles Livros do Professor, com as respostas em vermelho. Eu *sabia*, porque hoje não lembro de mais nada, “Isto ou Aquilo” da Cecília Meireles de cor e salteado. Ensinei meu vizinho a ler quando eu tinha uns 9 ou 10 anos, mais ou menos, porque a mãe dele me pediu ajuda, não sei por qual motivo, porque afinal, ela podia ter pedido pra qualquer pessoa lá em casa.

Ainda nessa idade, 10 anos, eu descobri o mundo mágico de Harry Potter, meu pai - já falecido - leu ao mesmo tempo que eu, Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban; Como eu demorava demais pra escrever, ele terminou antes de mim, e me contou o final do livro e, desde então, eu só leio esse terceiro livro da saga até o antepenúltimo capítulo, fiquei com o final que ele me contou no coração.

Em casa tinha muito livro, minha mãe nunca disse que esse ou aquele era proibido. Eu lembro que ela pedia pra eu contar o livro quando eu terminava de ler, falar o que eu tinha entendido. Eu tinha uma relação muito boa com a leitura, com as palavras, lia uma quantidade de livros que hoje já não consigo mais.

Eu me lembro que as pessoas diziam que eu tinha *jeito* pra professora, ainda no Ensino Fundamental II, entre 11 e 14 anos. Eu quem passava lição na lousa nas aulas de Português, o pessoal conhecia mais a minha letra do que a da professora. Tinha quem reclamava, quem achava bom e quem não copiava; Acredito que já era um treino, porque anos depois eu ainda passo por isso. E, quero dizer que reajo do mesmo jeito: eu mando ir escrever na lousa no meu lugar quem tá reclamando.

Depois disso não tinha quem enfiasse na minha cabeça que eu iria ser professora. Eu *inventei* que ia fazer Relações Internacionais; não deu certo. Ainda bem. Tem que ser, eu acho, muito diplomático pra isso. Mas eu me esforcei. No Ensino Médio, além de um curso de Técnicas Administrativas que eu odiava, eu fazia Inglês e Espanhol. O curso de Espanhol eu não dei continuidade, mas com o a língua Inglesa, *hoje*, eu digo que vou até o fim.

Essa época da adolescência as fanfics de Harry Potter, Supernatural, Game Of Thrones e variedades entraram na minha vida, eu escrevi muita coisa e conheci muita gente, de toda parte do mundo. Minha mãe nunca disse que eu não podia conversar com estranho na internet, mas provavelmente se tivesse falado eu não ia obedecer.

A entrada no curso de Letras foi um susto, lá em 2012. Um susto porque eu não sabia que a faculdade ficava no Centro de São Paulo, e eu sempre tive pavor daquele lugar. Chorei dois dias inteiros, mas depois deu tudo certo. Mas provavelmente foi a melhor coisa que eu já fiz. Eu já tinha em mente que dar aula de Língua Portuguesa não é minha vibe, e que o Inglês era a minha cara.

No segundo semestre, em 2013, eu entrei como professora em uma sala de aula e parecia que eu fazia isso há milênios. Eu me lembro que a Cláudia, diretora da escola à época, me disse que qualquer problema que eu tivesse eu podia recorrer à ela, porque já tinha gente amargurada o suficiente na educação. Cabe ainda dizer que a primeira experiência de sala de aula que eu tive foi como professora de Português e foi ali que eu decidi que nunca mais ministraria essa matéria.

Logo que eu finalizei o curso de Letras, em 2016, eu engatei numa especialização em Neuropsicopedagogia, e depois eu fiz outras coisas. Já dei aula do Infantil ao Ensino Médio. De crianças a idosos. Aula presencial, aula online. Em São Paulo, na Bahia. Tudo e todos.

Porém, com tudo isso, dando aula em diversas escolas, nesses 10 anos, eu percebi que eles aprendem *muito* enquanto eles estão ali, no celular, grudados no TikTok, no Insta, no Facebook – que eu já aposentei há anos – eles estão ali. Assim, além de me identificar muito com eles, porque lá atrás, escrevendo fanfics na internet, lendo fanfics em inglês na internet, eu me interessei pelo universo das Letras, da leitura, das palavras, do Inglês. Provavelmente se as redes sociais na época que eu era adolescente também fossem, ou pelo menos se eu soubesse, que dava para aprender muito mais por ali, eu tinha visto mais coisa. Eu fui uma adolescente do Twitter, na minha escola deu até uma fofoca absurda por causa disso: eu tava lá, eu vi. Do Facebook, do Instagram, do Orkut.

E a partir daí, eu percebi algumas coisas: as escolas que eu trabalhava, principalmente as públicas, os alunos não tinham e ainda não têm, muito acesso à internet. É interessante pensar que mesmo hoje, que tudo é tão conectado, ainda existem pessoas que não possuem acesso à internet como a gente imagina, acesso fácil e integral. Eles dependem dos créditos, do celular da mãe, do celular velho do irmão, do tio, do Iphone usado que ainda tem 3G, do *wi-fi* de alguém.

Se eu falasse pra aquela Camila de 17 anos que a gente tá estudando rede social e inglês, tá pesquisando, tá levando isso a sério, ela ia dizer que a gente tá doida. Que é legal, mas ninguém vai levar a sério.

É importante dizer que eu estudei e trabalhei a maior parte da minha graduação, o que não é fácil e é a realidade de muitas pessoas e, pelo que eu percebo, das que fazem licenciaturas no Brasil. O percurso até o mestrado não foi fácil, o percurso até decidir o que eu pesquisaria menos ainda, porque antes disso eu saí de São Paulo para morar na Bahia e essa parte tá sendo construída até agora. Acima disso, meu caminho é feito de idas e vindas, mais fins que começos e de muita batalha.

Assim, aqui começa a minha curiosidade acerca do inglês, das plataformas, das práticas docentes dentro do mundo das famosas “dancinhas” do TikTok, que a princípio, especificamente no início da pandemia, achei uma plataforma muito barulhenta. Gostava dos memes e das dublagens, mas o excesso de informações ali me causou o famoso “ranço”. Com o decorrer da pandemia, precisei recorrer à tecnologia – mais ainda – como minha maior aliada, só que agora, na educação, como professora de inglês. A princípio eu fui parar na TV, no projeto Nossa Rede, ensinando inglês pro 2º e 3º ano do ensino fundamental 1. Era tudo muito novo, eu nunca tinha estado na frente de uma câmera profissional na vida, nem dado aula naquele formato, onde só eu falava e eu não tinha retorno. Mas deu certo. Até prêmio ganhei. Ao mesmo tempo, eu ingressei no mestrado e aí minha curiosidade – embora num primeiro momento eu tenha chegado em outra opção - de pesquisar algo fora da sala de aula tradicional e assim, cheguei nas plataformas.



## 1. Introdução

O ensino de inglês se atualizou nos últimos anos e, com a expansão das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e a implementação de redes para o ensino da Língua Inglesa, a forma de ensino-aprendizagem se modernizou igualmente à medida que professores e alunos aderiram ao que existe de mais atual na cultura digital. Com isso, as TIC possibilitaram ao professor redesenhar as relações, assim como modificar a forma de agir com o outro, lidar com a informação e o conhecimento, sendo esse um instrumento de ação do docente e dos estudantes. Nesse ponto, vale acrescentar que as redes e suas infinitas possibilidades também permitiram e permitem que o docente utilize a rede para suas práticas pedagógicas, modificando a sua práxis e, de certa maneira, adequando-se a mais um tipo de espaço educativo (SOUZA; SANTOS, 2018).

Em diversas partes do mundo, vemos o surgimento de projetos e usos diversos de mídias móveis e redes sociais presentes nas práticas educativas cotidianas. Essas práxis estão sendo produzidas e compartilhadas por usuários das redes sociais também por conta da evolução do ciberespaço nos últimos anos (SANTOS, 2011).

Sendo assim, programas e projetos para a inserção das TIC em escolas já estão sendo implementados nas escolas brasileiras há mais de duas décadas. Todavia, apesar de sua importância, o fundamental acesso às tecnologias para a educação torna-se insuficiente sem infraestrutura de rede, energia elétrica ou pela falta de suporte técnico para o funcionamento dessas máquinas, fazendo com que sejam usadas esporadicamente e sucateadas com o tempo (BONILLA; PRETTO, 2015). Ainda, é válido lembrar que, para além do citado anteriormente, o acesso às tecnologias, assim como infraestrutura e suporte, varia de acordo com cada região do país, escolas urbanas ou rurais, condições socioeconômicas e, não menos importante, cenário político de cada período.

Os autores alertam que a inserção das TIC nas escolas retira o professor da zona de conforto, pois integra atividades que geralmente são desenvolvidas fora de sala de aula, como o uso dessas tecnologias, às práticas escolares. Ainda, há a falta de capacitação e a criação das estratégias pedagógicas para que as tecnologias digitais integrem as dinâmicas de sala, fazendo com que elas não sejam apenas ferramentas, mas parte dos processos. Assim, não possibilitar capacitação que deixe evidente ao docente *como* colocar em prática as tecnologias. Isso impossibilita que elas façam parte do processo educativo, resultando em formação que sempre apresenta a tecnologia como uma “eterna novidade” na educação. Ainda, Bonilla e Pretto (2015) explicam, que:

Nas práticas pedagógicas, as atividades mais desenvolvidas socialmente são pouco consideradas, quer seja porque ainda há muitos preconceitos que bloqueiam seu uso, quer seja porque os professores não foram e não estão preparados para lidar com ambientes abertos, horizontalizados, que não possibilitam o monitoramento e o controle. Estão os professores, nestas condições, despossuídos do poder de coordenar os processos educacionais enquanto lideranças acadêmicas e políticas, pois não lhe são dadas as condições necessárias para tal. Cobrar-lhe, portanto, outra abordagem é cruel e inócuo. (BONILLA; PRETTO, 2020, p. 515)

Como exemplo de projetos, temos o Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo), que foi criado pela Portaria nº 522/MEC, de 9 de abril de 1997, que tem o intuito de promover o uso pedagógico das TIC na rede pública de ensino fundamental e médio. De acordo com Bonilla e Pretto (2015), é preciso destacar, a respeito desse programa, que, à época, a disponibilização de rede de internet nas escolas não fazia parte da política. Além disso, as formações continuadas que faziam parte eram reduzidas à familiarização com os aplicativos de desenhos, apresentação de *slides*, edição de textos, planilhas e *softwares* educativos. Segundo os autores, o ProInfo teve uma reformulação em 2007, quando incorporou a promoção da inclusão digital e produção de conteúdos digitais educacionais. No ensino de inglês, houve atualizações nos últimos anos e, com a explosão das TIC e a presença de redes sociais para o ensino da Língua Inglesa, a forma de ensino-aprendizagem se modernizou à medida que professores e alunos aderem ao que existe de mais atual na cultura digital.

E, quanto ao uso das tecnologias na escola, atenta-se para o fato de que:

Os praticantes estão conectados; fotografam a lousa; tiram selfies e postam imediatamente nas redes sociais; usam o fone de ouvido durante as aulas; e formam grupos durante o intervalo escolar para criar construções no famoso jogo Minecraft. Como praticantes do cotidiano escolar, driblam o sigilo da senha da rede WI-FI da escola e demonstram ser tão apegados aos aparatos tecnológicos que competem no uso das tomadas de eletricidade para carregá-los nas salas de aula. (CENSI; JESUS, 2020, p. 230)

Aqui, é possível compreender o quanto as tecnologias fazem parte da vida dos alunos, a ponto de estarem o tempo todo em contato, dentro e fora do momento de aprendizado formal. A cultura digital é a personificação da atualidade, é o que vivemos no cotidiano e diz muito sobre nosso modo de agir, pensar, falar e viver as experiências. A internet proporciona novas oportunidades de aprendizagem. Desse modo, as tecnologias possuem um papel importante nas mudanças sociais de maneira geral, surgindo uma geração de pessoas conectadas, o que forma um nicho cultural com base na informação, conhecimento, interatividade e compartilhamento (CASTELLS, 2016). Por isso, cabe trazer um dos conceitos e ideias de cultura digital que a define como prioritariamente virtual e acessível pelas interfaces que são capazes

de posicionar o usuário em tempos e espaços diferentes dos que seus corpos físicos estejam (KENSI, 2018).

Assim, é necessário compreender alguns pontos relacionados à cultura digital, entrelaçada ao conceito de cibercultura, conceito trazido por Pierre Lèvy (1999). Para o autor, a cibercultura é um conjunto de técnicas, práticas, atividades, modos de pensamentos e valores que se desenvolvem concomitantemente ao crescimento do ciberespaço. O autor ainda salienta, com o suporte do ciberespaço, profissionais da educação devem ampliar seus conhecimentos (LÈVY, 1999).

Sobre a plataformização, Van Djick (2019) explica o que se refere à inextricável relação entre plataformas online e estruturas sociais. A autora afirma que muitos dos nossos setores sociais, como o transporte, saúde, educação ou jornalismo, têm se tornado quase inteiramente dependentes das infraestruturas digitais providenciadas pelas cinco grandes empresas de plataformas dos EUA, sendo elas, Google, Amazon, Facebook, Apple e Microsoft. A exemplo da educação, a autora explica que escolas e universidades começaram a reestruturar seus currículos a partir de ambientes personalizados de aprendizados que são fornecidos (VAN DJICK, 2019).

Por isso, o uso das plataformas de redes sociais é significativo para seus participantes, que são capazes de incluir-se nas comunidades que lhes interessam, pelo tempo que lhes convier e participar da maneira que quiserem ou que for possível. Ainda, os objetivos para participar das redes são individuais, mas podem ser altruístas, visando ao bem de todos ou de determinadas comunidades (GOMES, 2016).

Desse modo, outros enfoques dos estudos das redes sociais têm tomado como ponto de partida a separação do conceito de redes, possibilitando focar em como as estruturas e os tipos sociais surgem e como essas redes são compostas, a partir de uma comunicação mediada pelo computador e essas interações mediadas possuem a capacidade de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas. Assim, para estudar essas redes, busca-se a compreensão de seus elementos e processos dinâmicos (RECUERO, 2017).

Nesse caso, adaptando para o contexto educacional, existe de fato a comunicação que será mediada por meio de um computador ou aparelho celular, como dessa é evidenciado nessa pesquisa. Isso é resultado da atualidade, na qual as redes sociais permitem uma diversidade de dispositivos móveis que são compatíveis com a utilização das redes sociais, em formato de aplicativos ou na forma de site de rede social. A interação e a complexidade das conexões estão presentes, assim como as práticas docentes e a aprendizagem podem ser observada nes-

se ambiente, principalmente devido à imensidão de informações que a internet e as redes sociais proporcionam. Isso torna possível a mediação docente nesse contexto.

Assim, acerca das consequências sociais do maior acesso à informação, é que a educação e o aprendizado passam a ser recursos essenciais para o bom desempenho no trabalho, bem como o desenvolvimento pessoal, embora o aprendizado seja mais amplo que educação (CASTELLS, 2012).

Se anteriormente o tema das TIC para a educação já era amplamente discutido, profissionais da educação se encontraram e ainda se encontram numa situação em que é necessário fazer adaptações. Assim, por exemplo, com a pandemia da COVID-19, aqueles professores que já apresentavam uma certa habilidade com redes sociais faziam suas transmissões online, mas que, até certo momento, não tinham tanta visibilidade, passaram a ser requisitados, desenvolvendo suas estratégias de ensino online (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020). A pandemia da COVID-19 foi uma fase de transição em que professores se transformaram em *youtubers* e aprenderam a utilizar sistemas de videoconferências. No entanto, em um primeiro momento, isso ocorreu de uma maneira muito instrumental, reduzindo métodos e práticas a um ato transmissivo. Por isso, é necessário pensar sobre um ensino em rede de qualidade (MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, 2020),

A pesquisa feita por Baade *et al.* (2020) exemplifica parte dessa transição que o contexto da pandemia trouxe para a educação brasileira. A proposta estava direcionada para profissionais da educação básica que trabalharam no ensino remoto e em isolamento social por conta da pandemia. A pesquisa foi aplicada via questionário entre maio e junho de 2020, com a participação de 272 profissionais da educação nos estados do Paraná e Santa Catarina.

Entre os diversos resultados da pesquisa, foi revelado como o isolamento afetou a rotina dos professores. Os profissionais alegam que 89% deles tiveram suas rotinas completamente afetadas pelo trabalho, tendo, assim, uma mudança drástica em suas atividades profissionais. Os autores relatam que, quanto aos recursos tecnológicos utilizados, o WhatsApp foi utilizado por 81,6% dos participantes, assim como os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) foram utilizados por 58%. Ainda, foi indicado que o uso de vídeos se manteve antes e depois do isolamento, mas a modalidade do acesso foi alterada, uma vez que os vídeos, durante o período de isolamento, passaram a ser exibidos em plataformas de *streaming*, como o Youtube.

Quanto às estratégias pedagógicas utilizadas, que se baseava no tempo dedicado ao preparo das aulas e a aprendizagem dos alunos, há mudança significativa. O tempo dedicado a preparação das atividades pedagógicas teve um aumento de 78,2%, uma vez que os docentes

estavam muito concentrados em buscar energias para se adaptarem à nova realidade e manutenção de objetivos de aprendizagem (BAADE *et al*, 2020).

Nesse sentido, cabe dizer que existiu sim uma mudança no panorama, dando uma ênfase maior ao uso das TIC, das redes sociais durante a pandemia da COVID-19, exigindo uma adaptação docente quanto às suas práticas de acordo com a demanda que cada disciplina exige.

Neste momento, é importante aclarar que, ainda que o foco da pesquisa serão as práticas de educadores nas redes, para fins de contextualização da problemática serão desenvolvidos alguns diálogos teóricos e com antecedentes de pesquisas ficadas nas escolas e nas práticas com tecnologias digitais para ensino da Língua Inglesa.

Por outro lado, pensando no caso do ensino de inglês, é recorrente a crença de que não é possível aprender inglês no ensino básico regular, tanto por parte de professores quanto de alunos. De acordo com a pesquisa feita por Lima e Gomes (2018) sobre a visão que estudantes do curso de Letras tinham com relação às aulas de Inglês, enquanto disciplina, em seus períodos de educação básica, os estudantes entrevistados alegaram que:

[...] “A que a aula de inglês:: era chato... “a é chato aula de inglês porque é outra língua é diferente” só que eu nunca achei isso eu achava totalmente diferente”[...] “o modo como era ensinado:: era como se a gente nem fosse utilizar da::: aquele ensino depois porque era sempre o mesmo assunto e ele era aplicado de maneira não diferenciada entendeu? seria basicamente isso”[...] “que era chato e a maioria dos alunos queria fazer espanhol no ENEM ((Exame Nacional do Ensino Médio) ninguém escolhia inglês só eu e uma amiga na minha sala né pelo menos”[...] (LIMA; GOMES, 2018, p. 6)

Ainda de acordo com as autoras, é comum ouvir de alunos que não gostam das aulas de Inglês por considerarem desinteressantes e inúteis, o que pode gerar comentários bem populares, por exemplo, “eu não vou sair do Brasil mesmo”, entre outros. Dessa maneira, observou-se que a visão dos alunos sobre as aulas de Inglês no ensino público pode ser considerada negativa, uma vez que não há crença na melhora deste ensino e nem seja ele capaz de ensinar inglês aos alunos (LIMA; GOMES, 2018).

Relacionado à aquisição da Língua Inglesa, muitos procuram cursos extracurriculares de idiomas com o objetivo de ampliar os conhecimentos que não foram supridos na escola regular. Para dominar as quatro habilidades esperadas no idioma, gera-se uma nova crença: a de que só é possível adquirir um bom nível de inglês no intercâmbio, fazendo a imersão cultural e convivendo com nativos (LIMA; GOMES, 2018).

Por outro lado, um assunto que tem inspirado debates e pesquisas no ensino de inglês é o das relações entre as TIC e as práticas de ensino. As TIC possibilitam o acesso à diferentes

gêneros orais e escritos, bem como o desenvolvimento da competência linguística do professor de Língua Inglesa e a inserção dos aprendizes em uma perspectiva global de acesso a diferentes práticas identitárias e interculturais (UCHOA *apud* ROJO, 2019).

A exemplo de práticas de ensino, observa-se o *TikTok*, plataforma de criação e compartilhamento de vídeos. A plataforma tornou-se mundialmente conhecida em 2017, sendo fundada em 2012 pelo chinês Zhang Yiming em Beijing, na China. De acordo com a plataforma *TikTok*, a missão é inspirar criatividade e entretenimento, criar uma comunidade global onde pessoas possam criar e compartilhar, descobrir o mundo à sua volta e conectar-se com outros ao redor do mundo (TIKTOK, 2020). A revista Exame<sup>1</sup>, em setembro de 2021, fez uma matéria informando que, atualmente, o Brasil é o segundo país com mais usuários do *TikTok*, atrás apenas da China, país de origem do aplicativo.

Com relação ao uso da plataforma, fala-se da necessidade do desenvolvimento do plano de aula para que o recurso facilite, em conjunto com a didática, o processo de ensino e aprendizagem. Para os autores, a presença do *TikTok* favorece a aquisição do conhecimento por meio do que já está pré-estabelecido enquanto conhecimentos, enriquecendo a estrutura do plano de aula. Ainda segundo os autores, a plataforma auxilia no desenvolvimento de didáticas pedagógicas que favorecem a compreensão cognitiva (BARIN *et al.* 2020).

Alguns autores defendem teorias sobre o *TikTok* para a aprendizagem. No caso, Edwards (2021) dá ênfase de como o *TikTok*, enquanto meio de aprendizado do Inglês, pode auxiliar os alunos a aplicar seu estilo comunicativo, pelo jeito que eles praticam a fala por meio da plataforma, e essa aplicação pode alcançar o resultado do vídeo da prática. Isso faz com que os alunos aumentem e aprimorem sua prática até que estejam satisfeitos com seus esforços para o aprendizado. O *TikTok* possibilita que os vídeos se tornem mais engraçados, agradáveis e fáceis de entender e esses critérios fazem que os estudantes se interessem em aprender a falar inglês (EDWARDS, 2021; IMUN; RAHMANDA, 2022).

A partir do exposto, foram feitas as seguintes perguntas de pesquisa:

**Perguntas de pesquisa:**

- Quais são as práticas de ensino desenvolvidas por professores de Inglês no *TikTok*?

---

<sup>1</sup> Artigo disponível em: <https://exame.com/tecnologia/brasil-e-segundo-pais-que-mais-usa-tiktok-no-mundo/>. Acesso em 04. Set. 2021

- Quais são as metodologias e estratégias de docentes de Língua Inglesa no *TikTok*?
- Qual é a perspectiva dos docentes de inglês sobre suas práticas educativas no *TikTok*?

### **Objetivos:**

#### **Objetivo geral**

Analisar as práticas de docentes de Língua Inglesa através do *TikTok* e suas observações sobre ditas práticas

- **Objetivos específicos**

1. Descrever as práticas de ensino de Inglês desenvolvidas por docentes de Inglês no *TikTok*.
2. Analisar as metodologias e estratégias pedagógicas utilizadas por professores e professoras de Inglês no *TikTok* @teachertiagorochoa, @\_teachermari e @karenpiunti
3. Compreender a perspectiva dos professores e professoras de Inglês sobre as experiências docentes no *TikTok*

## 2. Metodologia

A pesquisa seguiu o método qualitativo de cunho crítico e analítico. A pesquisa qualitativa entende-se como o que é subjetivo e relacional da realidade social, por meio da história, do universo, leva em consideração os significados, motivos, crenças, valores e atitudes dos atores sociais. Minayo (2010) enfatiza que a experiência, a vivência, sentido comum, ação social, a intencionalidade e o significado constituem a superfície na qual se ergue a possibilidade da compreensão, atitude que é ao mesmo tempo, arte e ciência na investigação qualitativa.

A pesquisa qualitativa explora e compreende o significado que indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano. Os envolvidos nessa forma de investigação apoiam uma maneira de encarar um estilo indutivo, um foco no significado individual e na importância da interpretação da complexidade de determinada situação. Ainda, a pesquisa qualitativa se concentra no processo e no produto ou no resultado, no caso, os pesquisadores estão interessados em entender como as coisas acontecem (CRESWELL, 2007; FRAENKEL; WALLEN, 1990; MERRIAM, 1998).

A presente pesquisa se enquadra no método qualitativo porque serão analisadas as ações e estratégias pedagógicas desenvolvidas pelos docentes na rede social, assim como as percepções sobre essas práticas. Assim, fim de complementar e aprofundar a pesquisa, a abordagem crítica que tem como objetivo central transcender e explicar de modo plausível as experiências analisadas.

Da mesma maneira, mais autores aprofundam as justificativas da abordagem qualitativa com corte crítico, que reivindicam a importância de pensar os conhecimentos em relação a valores e ideologias, uma vez que também falam sobre a pesquisa educacional crítica (CARR; KEMMIS, 1998); A validade da pesquisa qualitativa crítica se justifica a partir de uma leitura mais problematizadora, apoiando-se nos seguintes pontos: a objetividade/subjetividade, explicação causal/compreensão e a visão anacrônica/diacrônica (MARTÍNEZ, 2012).

O cunho analítico a ser mobilizado é a pesquisa interpretativa das práticas e técnicas de ensino dos professores no *TikTok*. Para a construção do corpus de análise, composto por vídeos produzidos pelos docentes, se utilizara a análise de conteúdo como método complementar, aplicado parcialmente para a fase de descrição e sistematização do conteúdo produzido pelos docentes (BARDIN, 2011).

A análise interpretativa seguiu uma visão que reconstrói os significados, acentuando na perspectiva dos sujeitos envolvidos na pesquisa (MEDEIROS; AMORIM, 2017). Descre-



ver e interpretar são elementos que trabalhados em conjunto, compõem parte do esforço de elucidar a compreensão do que está sendo investigado (MORAES, 2003). Isso se justifica porque serão analisados os vídeos, os recursos comunicativos utilizados e as entrevistas para compreender a perspectiva dos professores e professoras no *TikTok*.

## 2.1 Escolha dos perfis e produção de dados

Para a seleção de perfis que serão analisados na pesquisa, seguimos três passos; No primeiro passo, criamos o critério para a seleção, que incluía o mapeamento de professores e professoras brasileiros de Língua Inglesa que possuam perfis no *TikTok* onde publicam conteúdo para o aprendizado de inglês e tinham explícito como objetivo o ensino de Inglês para brasileiros; O passo 2, enviamos convites para todos os perfis que atendiam aos critérios e, foram recebidas 3 respostas de docentes voluntários para participar; No último passo, as entrevistas foram realizadas e foi feita a coleta de dados para a análise dos vídeos.

Os três docentes selecionados para a pesquisa são: *Teacher Tiago Rocha* (@teachertiagorocha) *Teacher Mariana Ferrari* (@\_teachermari,) e *Teacher Karen Piunti* (@karenpiunti). Os docentes foram selecionados por se adequarem aos objetivos da pesquisa e realizarem explicitamente práticas de ensino dentro da plataforma, assim como a linguagem utilizada, por cada um deles, também se difere. Notável que um dos professores é baiano.

O registro desse conteúdo é constituído pelos vídeos gravados com o recurso de gravação de tela oferecido pelo próprio aparelho de celular, o qual é visualizado e analisado a partir dos que possuem maior número de likes, visualizações e compartilhamentos, desde que sejam conteúdos ensinando inglês. Foram escolhidos três vídeos de cada docente selecionado, num período de seis meses, entre agosto de 2022 a janeiro de 2023. Para tal, baseou-se nos critérios anteriores, onde, além de tirar o print das partes mais relevantes, salvou-se o vídeo, ferramenta que o próprio *TikTok* já possui. Posteriormente, organizou-se, em formato de tabela, os links dos vídeos por docente e vídeo, separadamente, observando as práticas, metodologias e estratégias dos docentes selecionados.

Na análise dos conteúdos, será observado qual a prática pedagógica daquele professor ou professora, o vocabulário utilizado, os conteúdos em si mobilizados, se costuma tratar de questões mais gramaticais, se são vídeos do estilo tira-dúvidas, curiosidades da língua, vocabulários específicos, entre outras.

Adicionalmente, considerando que um dos objetivos dessa pesquisa é compreender as percepções dos professores sobre suas próprias práticas de produção de conteúdo em *TikTok*,

aplicamos, como técnica complementar de produção de dados, a entrevista semiestruturada. A mesma foi aplicada de modo assíncrono por meio da ferramenta Google Forms. O questionário é composto de perguntas para respostas de múltipla escolha e de perguntas abertas, organizadas em dois eixos temáticos: 1) a proposta pedagógica dos docentes para o *TikTok* e 2) a motivação dos docentes, em relação à produção de conteúdo para a plataforma.

### 3. Marco teórico

#### 3.1 Os desafios das TIC na Educação

Como é de conhecimento notório, a educação enfrenta muitos problemas. Sejam eles, a condição do trabalho docente, os problemas estruturais da escola, as questões de verba, o cenário político independente da esfera, que atinge diretamente a educação, assim como o entorno no qual o aluno está inserido, assim como também as questões que estão enraizadas com relação ao ensino e ao aprendizado no Brasil.

Alguns programas para o fomento à inclusão digital, internet e incorporação das TIC foram implementados durante as últimas duas décadas. No entanto, esses projetos, no final das contas, acabam deixando lacunas. É importante dizer que não podemos pensar em tecnologias na escola como ferramentas, temos que compreendê-las, fundamentar as práticas, tanto do fazer social como do fazer pedagógico (BONILLA, 2020; PRETTO, 2013).

Em um âmbito social, no ano de 2003, por exemplo, o acesso a tecnologias, com o aumento do termo *inclusão digital*, foi alavancado. Assim como, a demonstração das possibilidades do que essas tecnologias trariam, poderia colocar o país no âmbito das grandes potências. Desse modo, foi criado um Observatório Nacional de Inclusão Digital, que tinha como objetivo acompanhar todos os programas, ações, projetos, e possibilitar a ideia de saber o que acontecia no país. Todavia, com a mudança de governo, de FHC para Lula, em 2003, a política foi migrada para o Ministério das Comunicações e o site deixou de existir, não sendo mais possível acompanhar os movimentos nacionais em torno da inclusão digital no país. (BONILLA, 2020)

Neste sentido, se uma política que visava apenas acompanhar o andamento da inclusão digital que, a princípio, poderia auxiliar no avanço do país, anos depois é descartada. Assim, é possível enxergar uma problemática já na questão da supervisão dessas políticas. Contudo, em um ponto mais crítico do que o anterior, é necessário falar que, apenas o acesso ao que é digital, no caso da inclusão, não é o suficiente e isso também se reflete no âmbito da educação.

De acordo com Bonilla (2020), a inclusão digital no âmbito educacional, começa a aparecer nos programas de governo em 2007 com o ProInfo, porém reformulado, que tinha como ideia de inclusão digital a abertura dos laboratórios das escolas para as comunidades. Nesse ponto, a autora esclarece que os alunos não estão envolvidos nesse plano, beneficiando a comunidade escolar, considerando que a inclusão digital está numa dimensão e o uso pedagógico em outra. A professora ainda informa que a possibilidade efetiva de conexão nas esco-

las, que era um objetivo do programa Banda Larga nas Escolas, de 2009, ainda não foi concluído.

Outro projeto que teve como um dos objetivos a inclusão digital nas escolas, lançado em 2007, foi Programa Um Computador por Aluno (PROUCA) que promovia a inclusão digital nas escolas públicas ou nas escolas sem fins lucrativos de atendimento a pessoas com deficiência, mediante a aquisição e utilização de informática e programas de computação. O programa recebeu, em 2009, uma formação de professores para as escolas participantes do projeto, por meio do livreto Formação Brasil, que mantinha o seu uso tradicional, sem maiores explicações, apresenta os objetivos da criação da cultura de redes, utilização de ferramentas interativas da *web 2.0*, desenvolvimento de processos cooperativos e solidários, uso intenso de processos comunicativos, entre outras propostas (BONILLA, 2020).

No entanto, na prática, não funcionava com a mesma clareza e facilidade que o texto propunha. A exemplo do estado da Bahia, a professora informou que a proposta de formação previa a exploração da máquina, depois ambientes web, em seguida de projetos e, ao final da formação, o professor passaria a usar laptops com as crianças (BONILLA, 2020). Contudo, os professores deixaram os laptops guardados, com intenção de abrir essas caixas somente quando se sentissem aptos para usar. Em um relato pessoal, a professora diz que foram feitos mutirões pelo grupo de pesquisa GEC da UFBA, em que foram até as escolas, retiraram os laptops das caixas e começaram a trabalhar com alunos e professores. Objetivou-se a compreensão e percepção de que era possível explorar tudo ao mesmo tempo, que não era necessário todo o temor, assim como era possível as práticas acontecerem em paralelo à formação de forma integrada.

Em outra perspectiva, em pesquisa feita pelo CGI.br, a Pesquisa TIC de Educação, feito entre agosto e novembro de 2019, meses anteriores à pandemia da COVID-19 no Brasil. Assim, em um primeiro momento, o CGI.br (2019) traz os dados sobre o uso e acesso de alunos de ensino fundamental e médio, que é um dos principais desafios que as redes de ensino enfrentam para a continuidade das atividades educacionais.

Um dos grandes desafios enfrentados pelas redes de ensino, para a continuidade das atividades educacionais de forma remota, são as condições de conectividade vivenciadas pelos estudantes. Em 2019, 83% dos alunos de escolas localizadas em áreas urbanas eram usuários de internet, ou seja, haviam utilizado a rede nos três meses anteriores à realização da pesquisa. No entanto, os dados indicam desigualdades entre alunos de diferentes regiões do país, sendo a maior parte dos usuários da região Sudeste e a minoria na região Norte.

A pesquisa também revelou a qualidade do acesso à internet, sendo que a maior parte dos estudantes de áreas urbanas utilizam dispositivos móveis para o acesso à rede. No entanto, para 18% dos estudantes, o celular foi o único dispositivo como meio de acesso, apontando para o fato de que esta proporção é maior entre alunos de escolas públicas e alunos que residem nas regiões Norte e Nordeste.

Na situação dos professores, a pesquisa do CGI.br (2019) informa que as condições de conectividades dos docentes é um dos principais desafios para o desenvolvimento das atividades mediadas por tecnologias. Os professores de escolas públicas de áreas urbanas relataram baixa velocidade de conexão à internet, o que dificulta o uso do recurso nas atividades, assim como o número insuficiente de computadores por aluno. Outro caso foi a falta de vivência de alguns professores para a realização de atividades remotas a partir do uso das tecnologias.

Em relação a formação dos professores para o uso das TIC em atividades pedagógicas, o CGI.br (2019) revelou que a maioria dos professores de escolas públicas urbanas sentem falta de um curso específico sobre o uso das tecnologias em atividades de ensino e aprendizagem e, em menor quantidade, professores da rede privada sentem dificuldade no uso pedagógico desses recursos com os alunos. Àquela altura, uma menor porcentagem de professores havia realizado um curso de formação continuada sobre o tema, mas grande parte dos docentes buscavam materiais e informações sobre o uso pedagógico das TIC por iniciativa própria. Tanto é que, entre 2015 e 2019, o uso de vídeos e tutoriais on-line a fim de atualização sobre a implementação de atividades pedagógicas com o uso das tecnologias passou de 59% para 81%.

Assim, é possível perceber que os desafios para as TIC na educação brasileira são muitos e, cada um à sua maneira, impactando professores e alunos, impedem que a implementação de determinados programas, projetos e ações sejam feitas com eficácia.

Embora até este momento a pesquisa esteja trazendo os desafios das TIC na educação, assim como os desafios das tecnologias e suas implementações e utilizações no ambiente escolar, tudo isso serve apenas para contextualizar a pesquisa, sendo assim, os tópicos a seguir terão como foco, cada vez mais, as redes sociais, o TikTok e práticas de ensino.

### **3.2 Cultura digital e Ciberespaço: Educação com as Plataformas**

A inserção das tecnologias digitais, de fato, mudou e transformou, e ainda os fazem, na vida dos seres humanos. De acordo com LÈVY (2015), nas próximas décadas acompanhare-

mos inúmeras mutações. No caso, serão não apenas nas tecnologias digitais, mas no crescimento das possibilidades de gestão e criação de redes e oportunidades de aprendizagem por meio de sistemas de cooperação que tenham acesso universal à informação e dados. A cultura digital, termo que conforme já citado anteriormente, está ligado à cibercultura, faz parte desse processo da inserção das tecnologias digitais em nossa sociedade num geral. De acordo com Lèvy (1999, p. 17): “Quanto ao neologismo, “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.

Nesse caso, o autor além de conceituar cibercultura, traz o viés do ciberespaço que está envolto dentro desse universo, do qual, será tratado mais à frente nessa pesquisa. Ainda de acordo com o autor, “a universalização da cibercultura propaga a copresença e a interação de quaisquer pontos do espaço físico, social ou informacional” (LÈVY, 1999, p. 47).

Para Lemos (2008), a cibercultura pode ser traduzida como a expressão cultural do encontro entre a sociedade pós-moderna e as tecnologias, em que homem e máquina se encontram, e, a partir disso, têm um encontro de atitudes originadas a partir da união entre as tecnologias e as mídias de comunicação.

A partir de uma definição de cibercultura enquanto cultura contemporânea estruturada pelo uso das tecnologias digitais em redes nas esferas do ciberespaço que são compreendidas como espaço-tempos cotidianos de ensino-aprendizado, nomeia as redes online como redes educativas ou espaços multirreferenciais de aprendizagem que nessas redes são instituídos múltiplos contextos, nos quais os conhecimentos são construídos, segundo Santos (*apud* ALVEZ, 2010). Nesse caso, as redes online são vistas como um espaço da construção de conhecimento, uma vez que múltiplos contextos e tecnologias, assim como diversas linguagens, são permitidas nesse espaço. A autora ainda explica que é importante compreender o fenômeno da cibercultura, as suas potencialidades comunicacionais e pedagógicas para que seja possível não apenas interagir com nossos estudantes, que em sua maioria são adeptos a cibercultura, como também para instruímos currículos mais sintonizados com as culturas do nosso tempo (SANTOS, 2010, p. 87).

Desse modo, para trazer um viés que se conecta com a ideia da cibercultura, está a cultura digital, essa que, em si, surge da comunicação dominada pelas tecnologias digitais, na qual, o homem é o produtor, consumidor e disseminador e que se insere na vida cotidiana, intervindo nas relações estabelecidas com a realidade material e simbólica que o cerca. No caso, a cultura digital sempre vai incentivar a interação entre ser humano e máquina, a intera-

ção e o que o homem fará, a partir da comunicação que o ciberespaço, no caso, permite que ele tenha com outros usuários com interesses ou não em comum (BORTOLAZZO, 2016).

Do mesmo modo, Santos (2011) analisa que a cibercultura, antes mesmo do fenômeno da mobilidade conectada, já estava presente nos espaços urbanos, por conta das relações que estavam estabelecidas e que ainda estão com as tecnologias digitais em nossas operações cotidianas. Ou seja, mesmo antes de algo estar “conectado” em si, outras tecnologias, citados pela autora como bancos, ambientes culturais, comerciais e agrícolas, já estava entre as pessoas. Assim, explica-se sobre a complexidade desse processo, acerca das “novas” tecnologias da comunicação e da informação como elementos estruturantes de novas formas de pensar e atuar no mundo contemporâneo (SANTOS *apud* PRETTO, 2011). A partir disso, uma vez que se considera que a cibercultura são as práticas no ciberespaço e, para a educação, é possível compartilhar experiências nesse espaço

Ao trazer esse contexto para a área educacional, é necessário compreender que, se esses processos de comunicação e informação alcançaram toda a sociedade, na educação, não seria diferente. Nesse sentido, na relação pedagógica, as tecnologias agem como um meio em favor do homem, são ecossistemas que auxiliam na comunicação entre as pessoas e a cultura social em rede, e, isso se dá porque as tecnologias por si só não são capazes de refletir nos processos de ensino e aprendizagem, mas possuem capacidade de se relacionar com as práticas, processos pedagógicos mais flexíveis e criativas, assim como a oportunidade de repensar currículos, conteúdos, forma de organização de cursos e componentes curriculares (KNUPPEL; KNUPPEL JUNIOR, 2021).

A educação online, pelas tecnologias digitais, uma plataforma social, não se define apenas pelas tecnologias, pois é amparada pela interatividade, afetividade, colaboração, coautoria, entre outros fatores que entrelaçam o processo (SANTOS; MARTINS, 2018).

A tecnologia, no caso, faz com que o professor, por meio da comunicação e interação existente naquele determinado espaço, repense suas práticas educativas, de acordo com o que ele precisa naquele momento. Nesse ponto, cabe relacionar a perspectiva do ciberespaço que, em primeiro lugar, de acordo com Lèvy (1999), as tecnologias digitais em si, surgem como a infraestrutura do ciberespaço, um novo espaço de comunicação, sociabilidade, organização e transação, assim como no mercado da informação e do conhecimento. O autor coloca o ciberespaço como o mediador essencial da inteligência coletiva. Para ele, ciberespaço é:

[...] o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas

clássicas), na medida em que transmitem informações. Consiste de uma realidade multidirecional, artificial ou virtual incorporada a uma rede global, sustentada por computadores que funcionam como meios de geração de acesso) (LÉVY, 1999 p. 92).

Com isso, por meio do ciberespaço, o saber passa a ser articulado à nova perspectiva de educação, por conta das novas formas de construção do conhecimento, que passam a contemplar a democratização do acesso à informação, novos estilos de aprendizagem e emergência de inteligência coletiva. O autor enfatiza que a velocidade das inovações tecnológicas, assim como mudanças no mundo do trabalho e proliferação de novos conhecimentos, acaba por questionar modelos tradicionais de ensino, que priorizam a transmissão dos saberes (LÉVY, 1999).

Atualmente, possuímos alunos que aprendem das mais diversas formas, principalmente no que tange à presença das tecnologias no contexto dos discentes. Semelhante aos professores que estão completamente aptos a ensinar por meio das tecnologias que, no caso, são adaptadas para a educação, uma vez que, permite que os usuários de redes, aplicativos e endereços da web, sejam livres para como será utilizado.

A chegada das tecnologias faz com que os modelos tradicionais de ensino se tornem obsoletos, em função de uma série de fatores, já que suporta tecnologias intelectuais que são capazes de ampliar, exteriorizar e modificar funções cognitivas humanas. Assim, o pesquisador salienta que o ciberespaço permite a combinação de vários dispositivos e interfaces interativos (LÉVY, 1999).

Desse modo, ao compreender que já existe o suporte tecnológico, cabe ao docente se apropriar desses recursos, pois, se já o faz enquanto pessoa fora da sala de aula, na maioria das vezes, não seria possível utilizá-las em sala de aula? Se atualmente existem inúmeras redes sociais, aplicativos e endereços da web que foram adaptados para a educação, ou até mesmo que foram pensados exclusivamente para auxiliar os docentes, o professor necessita trazer esses meios a seu favor, uma vez que, com certeza, chamará mais atenção dos alunos para as aulas.

Assim, entende-se que o conhecimento e a tecnologia são elementos indissociáveis. No entanto, cabe a escola se adequar e acompanhar a sociedade tecnológica, pois isso possibilita que o discente conheça e adentre o mundo das tecnologias, vivencie novas experiências, motive a busca de novos conhecimentos que superam barreiras e limites anteriores. Com isso, é possível auxiliar os alunos no processo de formação do pensamento crítico e individual (VIDAL; MIGUEL 2020).



Com isso, cabe suscitar que, para os autores as tecnologias possibilitam que o aluno conheça o mundo das tecnologias (VIDAL; MIGUEL 2020). Já, para aqueles que já conhecem, nem que minimamente pelo uso diário, é preciso mostrar ao discente que é possível usar aquele *app*, site ou plataforma já conhecida como uma forma de ensino. Mostrar ao discente, o que ele já utiliza diariamente, mas agora na roupagem educacional, o que não tira as inúmeras possibilidades que podem ser utilizadas nesse sentido, uma vez que expande a capacidade de utilização da tecnologia em questão.

### 3.3 As TIC no Ensino de Língua Inglesa

O ensino de inglês constantemente passa por tentativas, erros e acertos, com relação à inovação nos métodos e práticas de ensino dos docentes dentro ou fora de sala de aula. Aqui, cabe conceituar a diferença entre as práticas de ensino e a experiência docente, que são conceitos relevantes a serem compreendidos, sendo assim, a prática pedagógica é uma prática social complexa que pode acontecer em diferentes espaços-tempos, no cotidiano dos envolvidos e especialmente, mediada pela interação professor-aluno-conhecimento.

Para Franco (2016), as práticas pedagógicas são sínteses provisórias que se organizam no processo de ensino. Segundo o autor, as situações de educação estão sempre sujeitas aos imprevistos e, dessa forma, tais ações não planejadas redirecionam os processos e, muitas vezes, permitem uma reconfiguração da situação educativa. No caso da experiência docente, também atrelada ao saber docente, pode-se dizer que a experiência modifica, ora de maneira sutil, ora radicalmente, o processo educacional, influencia os métodos de ensino, a seleção e aperfeiçoamento dos mestres e o currículo, e pode até relevar pontos fracos ou omissões nas disciplinas acadêmicas tradicionais e levar à elaboração de novas áreas de estudo. (THOMPSON, 2002, p.13). Assim, falando de saberes pedagógicos, eles provêm das ciências da educação e também da ciência pedagógica; são os conhecimentos que sustentam a prática docente e abarcam os didáticos. (D'ÁVILA, 2021)

Em outro sentido, existem, conforme já citado nesse trabalho, algumas crenças com o ensino de inglês e sua qualidade, fazendo com que docentes de língua inglesa empreguem tempo considerando em busca de formas de atrair os alunos para as aulas, técnicas para aumentar o interesse e adesão dos alunos às aulas, principalmente nas escolas públicas. Na pesquisa feita por Magalhães (2019), na cidade de Palmeiras dos Índios-AL, trouxe algumas constatações, por meio de entrevista coletiva, relacionadas à essas crenças dos alunos, nas

quais a maioria dos alunos mostrou certa desmotivação com o ensino de inglês na escola pública. Os entrevistados alegaram que as aulas não passavam de sessões de tradução ou aulas baseadas apenas no ensino da gramática do inglês, com os elementos mais tradicionais, sendo a lousa e o giz.

A utilização das TIC no ensino de inglês somente fomenta a ideia de que elas já estão inseridas no âmbito cultural para o processo de aquisição da língua. Considerando as habilidades que o inglês demanda, as TIC podem ser vistas pelos docentes como o “milagre” que surge para salvar as aulas de Inglês, uma vez que existe também a crença popular de que a aula de Inglês *precisa* ser sempre lúdica e muito dinâmica, senão os alunos perdem o interesse.

Nesse sentido, em pesquisas na área da Linguística Aplicada sobre a aprendizagem de línguas, no caso do inglês, no telefone celular, trouxe como um dos resultados que a utilização é favorável, apesar de deixar alguns questionamentos. Os estudos indicam que a maioria dos docentes e estudantes se mostraram favoráveis ao uso do telefone celular na aprendizagem de Língua Estrangeira. Entre os aspectos positivos da aprendizagem mediada pelo telefone celular, destacam-se a mobilidade e a motivação (ALDA; LEFFA, 2014).

Quanto ao ensino de língua inglesa por meio de plataformas sociais, como a utilização de WhatsApp, Twitter, Instagram, *TikTok* e outras redes sociais populares, foi analisado o incentivo da função stories do WhatsApp enquanto tecnologia de aprendizagem, a partir da afirmação de que as funcionalidades do aplicativo podem oferecer o ambiente propício para trocas, interações entre estudantes e professores em grupos e comunicações (COUTO; SOUZA, 2020). Nesse caso, pelo aplicativo ter algumas funções, permite a comunicação para tirar dúvidas entre professores e alunos, assim como a permissão para que professores possam obter espaços de formação e troca de experiências para o ensino da Língua Inglesa, conforme explica Araújo, Couto e FicoSeco (2020).

Ao voltar no tempo, falando ainda sobre a aprendizagem de idiomas pelo computador, tínhamos o *Computer Assisted Language Learning* (CALL). É a prática que foi concebida na década de 1950 e implementada duas décadas depois. O primeiro estágio dessa técnica foi denominado como behaviorista, pois baseava-se na concepção da relação entre o homem e a máquina. Nesse estágio, os computadores auxiliavam na aprendizagem de línguas por meio de exercícios focados na repetição de estruturas da gramática, os *drills*. Assim, o computador era visto como uma espécie de tutor que nunca se cansava de emitir feedbacks para os estudantes (BRANDÃO; SILVA, 2018).

A CALL passou por atualizações nos anos subsequentes, sendo integrativas que se basearam em computadores, multimídia e internet. Ainda, o surgimento da internet e da hipermídia fizeram com que a CALL integrativa trouxesse a novidade de texto oral e escrito, fazendo com que a possibilidade de significação e ressignificação do texto, pelo aprendiz, seja maior. A internet, neste caso, possui um papel-chave neste novo estágio da CALL, pois integra pessoas e comunidades separadas geograficamente ao retomar os conceitos do socio interacionismo (BRANDÃO; SILVA 2018; WARSCHAUER, 1996; SILVA, 2011).

No entanto, apenas a CALL não atende aos requisitos que o ensino da língua exige e, com o tempo, tornou-se obsoleta e aqui, cabe trazeremos o método *Mobile Assisted Language Learning* (MALL) que é a aprendizagem mediada pelos dispositivos móveis, em específico, o celular. Com essa prática, fica evidente que as possibilidades se abrem para uma nova forma de aprendizado, levando em consideração que os dispositivos móveis já são utilizados para outras atividades. Contudo, a prática apresenta limitações, pois, segundo Jarvie e Achilleos (2013), o uso se limita ao conceito de aprendizagem de idiomas e é necessário que seja feita uma redefinição quanto ao uso social da língua estrangeira em situações de aprendizagem formal e menos formal. Nesse ponto, os autores introduzem o conceito de *Mobile Assisted Language Use* (MALU), que, para eles, compreendem de forma geral as inúmeras possibilidades advindas da CALL e da MALL.

Então, fica evidente que, as TIC podem ser compreendidas a partir das possibilidades de interação, comunicação ou facilitadora de aprendizagem, não sendo apenas voltadas para a educação formal em si. Assim, conforme Ghasemi e Hashemi (2011), as tecnologias são capazes de proporcionar, aos aprendizes, diferentes elementos como: a exposição à cultura dos povos e países onde a língua-alvo é falada; facilidade de comunicação e interação com falantes nativos e outras comunidades, o que possibilita a utilização da língua para propósitos e contextos reais; fortalecem e integram as habilidades literárias; realce de estilos interativos de aprendizagem e ensino e, por fim, promoção da criatividade, que os autores sinalizam como o fator de motivação que pode contribuir muito para o processo de aprendizagem.

Sob outra perspectiva, em pesquisa que tinha como objetivo analisar o processo de escrita autobiográficas nas aulas de Inglês de turmas avançadas, por meio de um aplicativo chamado *SLOWLY*, que foi aplicado em uma escola de idiomas em Campina Grande-PB. O processo envolvia enviar cartas por meio do app e iniciar um processo de comunicação e interação com uma pessoa em qualquer lugar do mundo, a partir de algumas etapas propostas pela professora. Ao final da atividade, chegou-se à conclusão de que o direcionamento do uso da TIC e a interação com os receptores das cartas contribuíram para o enriquecimento dos alu-

nos, promoveu a construção de conhecimentos climáticos, históricos e culturais de outros países, até então desconhecidos (CAPOZZOLI, 2019).

Assim, se as TIC das mais diversas maneiras, estão inseridas no ensino da língua, cabe ao professor, dentro de suas possibilidades, não descartando as muitas barreiras que existem, dar a autonomia ao aluno no momento do processo de aprendizagem, proporcionando uma mediação no manuseio das TIC. Ao pensar na autonomia que aprendizagem através das TIC proporciona, de acordo com Chik (2018), existe uma quantidade significativa de estudantes que estão transformando suas práticas diárias em momentos voltados ao estudo, assim, transformando os momentos livres em frente ao computador ou smartphone/tablet para estudar.

A autora ainda afirma que, existem algumas habilidades para além dessa autonomia, sendo, a responsabilidade pela própria habilidade através dessas práticas digitais e em mundos digitais e, habilidade de responsabilidade quanto às necessidades de aprendizagem da língua, já pensando na aprendizagem da língua inglesa. Chik (2018), aborda também que, a primeira direção para a competência de usar a TIC como desenvolvimento da língua, inclui a busca e localização de materiais apropriados, on-line, para os seus objetivos de aprendizagem, de acordo com sua necessidade pessoal, considerando que existem diversos materiais e fontes na rede.

É preciso mostrar o caminho para a aquisição da língua de maneira mais contextual, levando para o seu cotidiano, retirando todos os pré-conceitos que o tenham com a aprendizagem do inglês.

### **3.4 Plataformas Sociais e Ensino de Língua Inglesa**

O ensino de línguas, conforme já explicado nesse trabalho, já é intermediado por outras tecnologias que auxiliam o aprendente e dão suporte ao professor, para cumprir as habilidades de *listening*, *speaking*, *reading* e *writing*, além de proporcionar o uso mais contextual e social da língua em ambientes fora de sala de aula. É nesse cenário que as redes sociais entram, pois ela possibilita a interação e comunicação com outros indivíduos interessados no mesmo assunto, adequa-se a todos os nichos e apresenta inúmeras formas de aprender a língua inglesa.

As plataformas sociais são espaços onde as pessoas interagem e constroem a partir disso, significados em comum Assim, são ambientes de interação, podem ser apropriadas e moldadas por diversos grupos e comunidades, a exemplo de construção de processos de comunicação com objetivos educativos e formativos; Ainda, não presume ação semelhante à

todos os participantes, pois deve-se considerar fatores geracionais, econômicos, culturais, da sexualidade e do gênero, entre outros, nas planificações e intervenções sociais mediadas. (FICOSECO 2018; FICOSECO, GAONA 2021)

Assim, plataformas digitais são “infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas entre usuários finais e complementadores, organizadas por meio de coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados” (POELL, NIEBORG, VAN DIJCK, 2020, p. 4).

O uso das plataformas sociais proporciona relativamente novas formas de aprender e ser, afinal, aprende-se em todos os lugares (GOMES, 2016). Assim, outros autores defendem o uso de redes sociais exclusivamente educacionais, a exemplo das plataformas educacionais digitais, que, de acordo com a organização Pearson (2022), possibilitam um ambiente de ensino online com as particularidades de uma sala de aula presencial, além de trazer os recursos que são essenciais para otimizar o desempenho e aumentar o engajamento nas aulas. Um exemplo são as plataformas de software livre, as quais são desenvolvidas especificamente sob medida para as instituições de ensino e as plataformas educacionais específicas para a IES (OLIVEIRA E OLIVEIRA, 2012).

No entanto, plataformas como o Facebook, Twitter e Instagram podem ser utilizadas como ambientes virtuais de aprendizagem. Afinal, compreendem que plataformas educacionais formais ou redes sociais educacionais tendem a reproduzir o modelo autoritário da sala de aula (SOLIMAR; SILVA, 2013; RABELO; HAGUENAUER, 2011).

Ainda que os sites de redes sociais e aplicativos, como WhatsApp, Facebook, Twitter e Instagram, não tenham sido criados com propósitos educacionais, os potenciais como espaços de aprendizado se revelam ao analisar as possibilidades de socialização, interação e comunicação que, quando feita em outra língua, evidenciam o potenciais dessas redes para o ensino de línguas (FINARDI; PORCÍRIO, 2016).

Nesse viés, quanto as plataformas sociais serem feitas para um determinado fim e posteriormente serem adaptados, cabe trazer o conceito da flexibilidade interpretativa das tecnologias, que se estende às redes sociais. Para Bijker e Pinch (1987), a flexibilidade interpretativa é, quando artefatos tecnológicos possuem outros significados e interpretações em grupos diferentes. A exemplo dado pelos autores, o pneu de uma bicicleta significava um modo mais conveniente de transporte para um grupo de pessoas enquanto para outro grupo, significava perturbações técnicas, problemas de tração e estética. No caso dos ciclistas profissionais, existia a preocupação da diminuição da velocidade causada pelo ar do pneu.

Assim, a tecnologia incorpora e media diversas regras e recursos que constituem a estrutura de uma organização que leva em conta, também, a flexibilidade interpretativa de acordo com o contexto de espaço-tempo no qual está inserida (ORLIKOWSKI, 2019).

Um estudo sobre potencial para a prática significativa do inglês em plataformas, focou no Facebook. O estudo demonstrou que a rede social possui muitas opções de interação, permitindo ao aprendiz usar estruturas sintáticas e lexicais da língua adicional de forma mais contextual, negociando significados para receber, notar e produzir insumo linguístico compreensível (FINARDI, 2013; 2016).

Alguns autores fizeram um estudo da arte sobre a temática na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), onde pesquisaram sobre as crenças de professores de Inglês e sobre o uso do Facebook como meio pedagógico. A análise identificou algumas crenças com relação ao uso da plataforma, ao relatar que o utilizavam apenas como diversão, outros professores acreditavam que o Facebook não é educacional e que poderia atrapalhar o desempenho acadêmico por conta da distração que *chats* e jogos existentes no site. Outra crença era a preferência dos alunos pelo e-mail para fins acadêmicos (FINARDI; PIMENTEL, 2013).

No mesmo instituto, a UFES, foi feita uma análise qualitativa e quantidade de páginas de Facebook relacionadas à prática e aprendizagem de inglês como língua adicional, usando algumas palavras-chave como “*English, practice, learning and teaching*”, para fazer a busca. A pesquisa desconsiderava páginas que estavam relacionadas à sites de internet, páginas com menos de 100 likes, que utilizassem outra língua além do inglês e páginas que não tinham sido atualizadas recentemente. Na análise, destaca que o uso escasso dessa rede está mais relacionado ao uso por parte dos professores do que alunos e que muitos aprendizes usam o Facebook como suporte de aprendizagem do inglês (SANTOS, 2014; FINARD; VERONEZ; PIMENTEL, 2013).

Na experiência de ensino de língua inglesa no Twitter, em um artigo sobre “O ensino de Língua Inglesa em 140 caracteres” que, à época era a quantidade de caracteres que a plataforma permitia até a atualização para 280, desde novembro de 2017. De acordo com os autores, o objetivo da pesquisa era de “[...] averiguar a apropriação dos elementos que facilitam, no Twitter, a interação voltada para o compartilhamento de experiências de ensino-aprendizagem.” (ARAUJO; COSTA; DIEB, 2011, p. 95).

O estudo, realizado a partir da pesquisa etnográfica virtual, focou em qual o sentido que essas tecnologias possuíam para seus usuários, pois, é uma das redes sociais que também estimula práticas de escrita multimodal. A pesquisa analisou perfis de usuários que davam dicas em inglês por meio de *hashtags* e *mentions*, tirando dúvidas de algumas expressões do

inglês, assim como um uso mais informal da língua e abreviações, interagindo entre os usuários (ARAUJO; COSTA; DIEB; 2011).

Assim, compreende-se que, em cada rede social, com suas particularidades e recursos disponíveis, os estudantes conseguem estudar a Língua Inglesa com a mediação e interação que as redes sociais proporcionam. Logo, fica claro que existe a possibilidade de alargar os métodos de ensino, uma vez que os recursos existentes permitem que aconteça o processo de ensino-aprendizagem, fazendo com que as habilidades que o inglês demanda sejam alcançadas.

### **3.5 O TikTok e o ensino na plataforma**

O *TikTok* é uma rede social disponível para sistemas Android e iOS e permite que o usuário, chamado *tiktoker*, a produção de vídeos curtos de 15 a 60 segundos e publicação no feed. A plataforma foi apontada como uma das baixadas na App Store, superando o Facebook e o Instagram e encontra-se entre as mídias sociais mais acessadas do mundo (BARIN *et al.*, 2021).

De acordo com a Escola Britânica de Artes Criativas e Tecnologia (EBC, 2022), quanto a distribuição e algoritmo da plataforma, acontece de maneira diferenciada por meio de duas páginas, sendo “Seguindo” e “Para você”, o chamado *For You Page/FYP*, sendo a última a de maior relevância (EBC, 2022). Assim, na “Pesquisa *TikTok* no Brasil: hábitos e comportamento dos usuários da rede que não para de crescer!”, conta que o aplicativo ultrapassou a marca de 1 bilhão de usuários ativos por mês ao redor do mundo. De acordo com o DataReportal, a plataforma possui, apenas aqui no Brasil, cerca de 74,1 milhões de usuários ativos em janeiro de 2022 (SALGADO, 2022).

No período de 15 a 22 de junho de 2022, alguns dados foram coletados quanto ao perfil dos usuários do *TikTok* no Brasil, feito com cerca de 1526 usuários. A pesquisa mostrou que 52% dos usuários são mulheres e 48% homens. Em quesito de idade, com 45%, a faixa etária dos 18 aos 29 é a maioria no site. Das regiões do Brasil, a pesquisa trouxe a diferença regional entre as regiões Norte (7%), Centro-Oeste (8%), Sul (12%), Nordeste (26%) e Sudeste (48%). Na classe social, baseada por renda mensal, 88% dos participantes declararam ser das classes C, D ou E (SALGADO, 2022).

Quanto à prática de ensino no *TikTok*, apresenta algumas novas possibilidades que diferem do modelo tradicional de sala de aula. Pode apresentar uma estratégia criativa de aprendizagem, enquanto um suporte educacional, que atrela o entretenimento ao ensino, beneficiando alunos e professores. Em apoio aos professores e ao aprendizado criativo, estão constru-

indo um portal de aprendizado para criadores de conteúdo, que fornecerá *insights*, práticas que serão recomendadas sobre como criar conteúdo de qualidade no *TikTok* (TIKTOK, 2021).

Ainda, segundo a própria plataforma, a aba “Para você” recomenda os vídeos de acordo com alguns fatores, que incluem: 1) a interação do usuário, incluindo vídeos que goste, compartilhe ou siga, assim como comentários postados pelo usuário e conteúdos criados; 2) informações de vídeo, legendas, sons e hashtags e 3) configurações de dispositivo e conta, preferência de idioma, configuração de país e tipo de dispositivo. Inclusive, essa aba e esses fatores é que fazem com que o vídeo viralize com mais rapidez (TikTok, 2022).

O algoritmo do *TikTok* tem quatro objetivos principais, aumentar valores de diferentes elementos, os quais são: usuário; usuário de longo prazo; criador e, por fim, da plataforma. Como informado pelo “*TikTok Algo 10*”, documento destinado aos funcionários da empresa e feitos pela equipe de engenharia da *TikTok* de Pequim. Entender esse foco permite compreender como aplicativo de vídeo de maior sucesso no mundo criou um produto de entretenimento (JORNAL DE BRASÍLIA, 2021).

Ademais, o documento também releva a conexão contínua da empresa com uma empresa chinesa, a Byte Dance, em um momento em que o Departamento de Comércio dos Estados Unidos está preparando um relatório que discute se o *TikTok* representa um risco de segurança para o país, uma vez que a Byte Dance é uma empresa controladora, a qual é suspeita do uso de dados dos usuários além do informado nos Termos de Serviços e sem conhecimento dos mesmos.

Com isso, o Jornal de Brasília ainda relata que:

Uma reportagem recente do jornal americano Wall Street Journal demonstrou como o TikTok depende imensamente de quanto tempo você gasta assistindo a cada vídeo para direcioná-lo a mais vídeos que o farão continuar usando o aplicativo. E esse processo às vezes pode levar os jovens espectadores a lugares perigosos, mais especificamente para vídeos que encorajam o suicídio ou a automutilação – problemas que o TikTok diz estar trabalhando para eliminar, excluindo de forma agressiva as publicações que violam seus termos de serviço. (JORNAL DE BRASÍLIA, 2021)

Em contraponto a essa informação, a rede informou que possui diretrizes da comunidade e segurança que se chocam com a opinião do Wall Street Journal. De acordo com a plataforma, alguns critérios devem ser observados, sujeitos à punição e banimento da rede sendo: violência e comportamento de ódio, assédio e bullying, nudez e atividades sexuais de adultos, conteúdo violento e explícito e segurança de menores (TIKTOK, 2022).

Entre as dicas de segurança, a plataforma sugere a filtragem de comentários, onde existe a capacidade de excluir palavras-chave que os usuários considerem ofensivas ou cons-



tragedoras, evitando o *hate* nos comentários. Outra sugestão é o gerenciamento de duetos, um recurso que permite que um vídeo seu seja feito com outra pessoa, em estilo de resposta. O gerenciamento garante apenas que quem o usuário queira responda a seu vídeo. Há também o controle de perfil, que garante que o usuário controle interações indesejadas ou deixe seus vídeos públicos ou privados para determinadas pessoas. A opção de remover, bloquear contas e denunciar assédio são opções dadas pela plataforma para a segurança do usuário (TIKTOK, 2022).

Conforme explicado no início, o objetivo da pesquisa é analisar as práticas docentes na plataforma, por isso explicitou-se sobre como o algoritmo e a viralização funcionam, assim como as dicas de segurança. Isso importa para compreender o contexto e os elementos que estão presentes nos ambientes nos quais essas práticas se inserem e esses conteúdos circulam.

Entre as plataformas sociais utilizadas para o processo de ensino-aprendizagem, nessa pesquisa, o *TikTok* é o foco. De acordo com informações trazidas pelo site da plataforma, a missão deles é de que “O *TikTok* é o principal destino para vídeo móvel no formato curto. Nossa missão é inspirar a criatividade e trazer alegria.”. Desse modo, é possível fazer a suposição de que é mais uma rede social na qual é possível exercer a plasticidade e levar para o contexto educacional.

Em uma matéria do G1, intitulada “Além das dancinhas: professores aderem ao TikTok com divulgação científica e dicas para memorizar conteúdo”<sup>2</sup>, em julho de 2021, há a entrevista do líder de parcerias do conteúdo, Ronaldo Marques, que afirma que para a plataforma, a educação é mais do que o conceito de matérias, de conteúdo escolar, de fato. A ideia é passar para as pessoas, qualquer tipo de conteúdo que elas possam aprender. Já os *tiktokers* da educação afirmam que os vídeos despertam a curiosidade para novos conhecimentos. Uma dica, dada por Marques, para captar atenção no vídeo, foi a de que os primeiros três segundos são essenciais. Segundo ele, em geral os professores usam bordões ou falam do assunto em destaque para depois desenvolver o raciocínio. A exemplo do professor Gabriel Cabral, professor de química que começa os vídeos com uma musiquinha animada inventada por ele e termina com “o Cabral vai te ensinar”. Outra dica é ficar atento às *trends*, ou seja, assuntos e músicas em destaque e usar as hashtags corretas ligadas ao tema.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/07/07/alem-das-dancinhas-professores-aderem-ao-tiktok-com-divulgacao-cientifica-e-dicas-para-memorizar-conteudo.ghtml> Acesso em 23/05/2022

Um exemplo da importância das *trends* foi a da engenheira Luiza Franca, com o perfil com mais de 900 mil seguidores onde dá dicas de inglês na plataforma, aproveitou a onda da palavra “*cringe*” à época, para produzir um vídeo e viralizar na audiência (G1, 2021).

O *TikTok* (2021) realizou um lançamento, em 27 de abril de 2021, para apoiar o conteúdo educativo no *TikTok*. À época, a campanha foi lançada em comemoração ao Dia Nacional da Educação, em 28 de abril, com a hashtag #AgoraVocêSabe que incentivava a produção de conteúdo educativo na plataforma. Até aquele momento, a *tag* já contava com 601 milhões de visualizações. Ainda, segundo a plataforma,

No TikTok, aprender é divertido e envolvente e as pessoas estão consumindo conteúdos por escolha, provocadas pelo amor por um assunto. Essas experiências educativas promovidas pelo aplicativo tornam os conteúdos educacionais acessíveis de qualquer lugar, produzidos por criadores e educadores apaixonados, participantes de uma comunidade extremamente conectada por interesses e afinidades. (TIKTOK, 2021)

A empresa objetivou, à época, premiar por meio da campanha #AgoraVocê Sabe, que finalizou em maio de 2021, os melhores criadores de conteúdo educacional, que ia de vídeo motivacionais a fatos curiosos. Para participar, o criador deveria produzir ao menos cinco vídeos para inspirar a comunidade do *TikTok* até o fim da campanha.

O objetivo foi difundir entre os professores as potencialidades do *TikTok* para ensinar de modo atrativo diversos conteúdos tradicionais do ensino fundamental e médio. O docente possui, de acordo com a matéria citada, um minuto para atender a atenção de seus alunos e, nesse tempo, vale de tudo: coreografias, receita culinárias, memes, pegadinhas ou puro entretenimento. Entre as vantagens, a matéria cita que a plataforma pode ser usada para tornar as metodologias de ensino menos rígidas, pois afirma que ao professor se aproximar da realidade do aluno, utilizando sua linguagem, fica mais fácil tomar a construção do conhecimento mais simples e atrativa (LYCEUM, 2021).

O *TikTok* se popularizou no Brasil em 2019, devido a seus vídeos curtos, a princípio utilizados para entretenimento, porém também pode ser usado como uma estratégia de aprendizagem. O *TikTok* permite que os alunos tenham a transdisciplinaridade como experiência de ensino. O entrelaçamento entre o saber e o conhecimento permite que os conteúdos saiam da teoria e sejam demonstrados na prática (MONTEIRO, 2021).

Ainda, Valomin (2020, p. 35-36), diz que:

O TikTok é uma ferramenta do contexto atual do aluno, normalmente utilizada para ludicidade, lazer e diversão. Mas, ao ser utilizada de forma adequada na aula, com intencionalidade, focada no objetivo proposto, ela pode se tornar uma ferramenta valiosa para mediar a transdisciplinaridade, extrair conteúdo da teoria, engajar os alu-

nos nas atividades, incentivar o seu processo criativo, estimular a construção de conhecimento coletivo, e incentivá-los no alcance da aprendizagem significativa.

Desse modo, o *TikTok* foi utilizado para encorajar o comparecimento, aumentar a motivação e conhecer o desenvolvimento das necessidades dos estudantes. Na faixa dos 10-11 anos, os estudantes requerem métodos de aprendizagem que estejam alinhados com os seus interesses e que, devido a um determinado tempo de interações humanas insuficientes devido à pandemia da COVID-19, esses estudantes precisam de mais conexões do que qualquer outro (SOLOMON *apud* WOOD, 2021).

Em um estudo observado, em que o *TikTok* foi utilizado para o ensino acadêmico, foi desenvolvido um conteúdo com cinco elementos principais em histórias, sendo personagens, contexto, enredo, conflito e resolução. Cada um deles correspondia a um movimento sinestésico com base em uma dança no *TikTok*. O objetivo da pesquisa era designar e explorar a experiência de estudantes no *TikTok*. Nesse caso, a plataforma tinha sido inserida no currículo dos estudantes recentemente (SOLOMON, 2021).

Ainda, os alunos gravaram esses vídeos curtos em uma pasta privada do Google Drive, e a senha era controlada pelo sistema multidimensional cibernético de segurança da unidade escolar. Os estudantes e seus pais compartilhavam um questionário de uma pesquisa somente com perguntas abertas. Essa pesquisa mensurava quais os efeitos sociais e emocionais do *TikTok* no bem-estar a partir da perspectiva de pais e alunos. (SOLOMON, 2021).

Entre os resultados, foi observada a clara conexão entre a rede social e o quanto isso pode afetar o engajamento pedagogicamente falando. Os estudantes ficaram animados com o fato de que, no caso, a rede social e a escola podem trabalhar juntos. Em relato dos estudantes, um deles sentiu que sua participação não tivesse sido mediada pelo *TikTok* desde o início do ano, ela não aconteceria. Quando perguntados sobre como o *TikTok* mudou sua maneira de aprender, um dos alunos relatou que ainda durante a COVID-19 é difícil dizer, por conta do distanciamento social, mas que é divertido assistir a seus colegas dançar, principalmente se um cometer um erro engraçado, já que causa risadas. (SOLOMON, 2021).

Nesse sentido, mesmo que a pesquisa da autora tenha sido feita a partir da perspectiva da pandemia da COVID-19, em um panorama de isolamento social, traz pontos importantes. Principalmente no quesito da utilização do *TikTok* na manutenção da interação social, mesmo que online, e o contato com os colegas de classe e professores.

Em pesquisa, foi proposto um esquema de roteirização que transpõe o conteúdo a ser passado para o vídeo com o seguinte passo -a – passo: 1) definição do conteúdo e transposição didática: O que ensinar? Para quem ensinar? Como ensinar? Qual abordagem? 2) Defini-

ção do objetivo do vídeo e tempo de gravação, que inclui a personagem utilizada, o figurino, cena e as falas, no caso, o que será dito durante a gravação. Após a experiência da prática no app, os autores trouxeram devolutiva dos resultados por meio de comentários e retorno de alunos quanto as atividades propostas. Deste modo, “[...] pode-se afirmar que o uso de vídeos criativos curtos do TikTok, podem ser uma alternativa não apenas para despertar a atenção dos estudantes, mas para distribuição de conteúdo (avaliação)” (BARIN, *et al.* 2020, p. 636).

Ainda, alguns autores afirmam que vídeos curtos são pílulas de aprendizagem, que podem ser acessados por meio de dispositivos móveis, o que diminui as dificuldades de sobrecarga cognitiva e de acessibilidade (BARIN *et al.*, 2020).

Em pesquisa feita sobre o desenvolvimento da habilidade de *speaking* na perspectiva dos estudantes, que pode ser treinada por meio do TikTok, há indicativos que a plataforma oferece diferentes incentivos. Já que faz com que os alunos tenham sua própria audiência, sintam-se mais confiantes porque outros estarão assistindo a seus vídeos e dando *likes*. Atualmente, em grande quantidade, os *likes* são incentivadores importante, faz com que se sintam mais engajados e tentem fazer vídeos melhores, além de aprimorar a habilidade da fala e a criatividade dos alunos (HERLYSIA; WIRATNO, 2022).

Em outro exemplo do TikTok no panorama educacional, autores têm analisado as dinâmicas nos chamados TikTok Clubs. em algumas escolas dos Estados Unidos, e professores estão utilizando a rede para a interação com os alunos. Uma das razões para o uso massivo é que os estudantes já possuem conta na plataforma e que é fácil utilizar a tecnologia para engajar no ensino inovador, utilizando vídeos. O TikTok também permite que os usuários criem e enviem os conteúdos do vídeo, incluindo com música e há ferramentas de edição que permite um resultado semelhante ao de um profissional (SYAIFUDDIN *et al.*, 2021).

Os autores ainda afirmam que, na educação, talvez uma das maiores vantagens do TikTok seja que o professor faça vídeos que os alunos possam assistir repetidamente. Alguns professores têm desenvolvido seus próprios vídeos para ilustrar conceitos mais complicados ou compartilhar instruções específicas no conceito de sala de aula invertida. De certo modo, os estudantes se beneficiam deste processo, desde que eles não se distraiam tentando procurar cada palavra em suas anotações e, ao invés disso, eles possuem acesso irrestrito aos pontos mais relevantes na versão em vídeo da explicação.

Portanto, de acordo com o que foi trazido pelos autores, uma vez que professores estão disponíveis para, por meio dos vídeos curtos do TikTok, colocar os pontos mais relevantes de determinados conteúdos, sem fazer com que alunos necessitem de olhar em milhares de ano-

tações, de diversos assuntos, facilita o processo de aprendizagem de aluno, para além de outros benefícios. Com isso, há uma aprendizagem fora do modelo mais tradicional de ensino.

No caso do professor de língua estrangeira, a plataforma possui recursos que faz com o que o docente utilize as quatro habilidades como *listening*, *speaking*, *writing e reading*, e fazem com que a experiência do usuário contemple todas as habilidades esperadas. A plataforma, assim como as demais, também permite a interação via Mensagem Direta, comentários e o compartilhamento dos vídeos.

Quanto à utilização da plataforma, existem perfis oficiais que ensinam a utilizar as ferramentas disponíveis, o que possibilita o engajamento dos alunos a uma metodologia ativa de aprendizagem, que possa ampliar o processo criativo deles. É possível apropriar das conclusões em pesquisa sobre o ensino de Língua Portuguesa para a de Inglês. Já que se aponta que os professores podem incorporar a plataforma em atividades que possuam enfoque no desenvolvimento de habilidades linguística, uma vez que permite a produção de conteúdo multimídia, assim como a proximidade com diferentes gêneros de linguagem e, nessas atividades, atua na ampliação do repertório linguístico dos usuários (MONTEIRO, 2021).

Em suma, as ferramentas disponíveis na plataforma, seja ela no computador ou no *app* no celular, abre possibilidade para que o docente tenha certa autonomia e liberdade para criar o conteúdo da forma que queria, utilizando os recursos ali disponíveis, levando em consideração, obviamente, o processo anterior de criação, roteirização, planejamento, até a simples postagem do conteúdo na plataforma. E, assim como as demais, o TikTok proporciona ao docente, o compartilhamento desses vídeos curtos, o que pode fazer, de certo modo, com que ele se torne um viral, com a ajuda das *tags*, se estiver em alta, e do algoritmo presente na plataforma.

## **4. Experiência dos docentes criadores de conteúdo: análise das entrevistas**

Nas entrevistas, foram, através dos depoimentos dados pelos docentes, focando nas práticas docentes e na motivação de cada um deles, assim como posteriormente, uma análise integradora das três entrevistas, levando em conta aspectos analíticos, sendo, as estratégias pedagógicas, as experiências, e os objetivos de cada um.

Deste modo, a respeito das práticas docentes, segundo Araújo (2017), entende-se por metodologia de ensino, enquanto algo que imprime um norteamento, fundamentado numa orientação que envolve a totalidade do processo de ensino, buscando, através dele, racionalidade e operacionalização, que implica em recusa à improvisação. Ainda,

[...] A metodologia de ensino também não pode erigir-se somente como finalidade, nem se apresentar com importância maior do que o aluno ou sobrepô-lo, uma vez que ela se constitui fundamentalmente como mediação entre o professor e o aluno, a qual se desenrola, tendo em perspectiva a formação dos alunos, sua autonomia, sua emancipação, seu desenvolvimento pessoal. (ARAÚJO, 2017 p.20)

Ainda nesse assunto, ao conceituar estratégias, Anastasiou e Alves (2004) dizem que visam a consecução de objetivos, portanto, é necessário ter clareza de onde se pretende chegar no momento com o processo de aprendizagem. Assim, os objetivos que norteiam precisam estar claros para os sujeitos envolvidos – no caso, professores e alunos – e estar presentes no contrato didático, registrado no Programa de Aprendizagem correspondente ao módulo, fase, curso, entre outros. No entanto, é importante ressaltar que essas estratégias não são absolutas nem imutáveis, com a possibilidade de serem adaptadas, modificadas ou combinadas pelo docente, conforme julgar necessário (PETRUCCI; BATISTION, 2006).

Foram entrevistados três docentes produtores de conteúdo on-line. Para a seleção dos entrevistados, tal como foi detalhado no capítulo de Metodologia, em primeiro lugar se selecionaram os perfis na plataforma que tinham como objetivo visível, ensinar inglês para brasileiros; e a continuação se estabeleceu contato com os docentes que administram ditos perfis para realizar as entrevistas

Os docentes foram contactados através da mesma plataforma TikTok quando foi possível, e nos casos de esta opção estar desabilitada pelo mesmo usuário, se enviaram mensagens através da plataforma Instagram. As perguntas seguiram dois eixos temáticos, sendo o primeiro sobre as práticas pedagógicas e o segundo, a motivação dos docentes entrevistados, obedecendo aos objetivos da pesquisa.

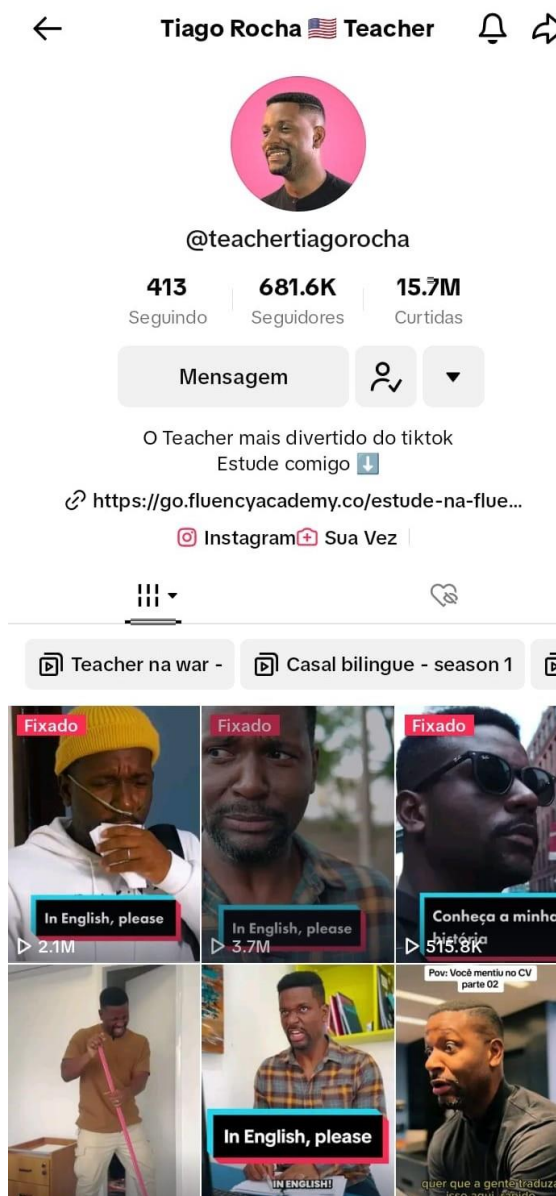
Posteriormente, se estabeleceu uma descrição sistemática de cada perfil, com detalhes que apresentam e adicionam informações do contexto e conteúdo de cada um deles e, foi feita uma análise integradora que foram analisados o contexto da produção de conteúdos e o valor das práticas para os docentes.

#### **4.1 Entrevista Teacher Tiago Rocha - @teachertiagorocha**

A comunicação com o *Teacher* Tiago se deu primeiramente via Instagram e, posteriormente, por e-mail, onde foi enviado o formulário com as perguntas para ele. Esse professor, especificamente, é oriundo do estado da Bahia e, em alguns de seus vídeos, explica como chegou aos Estados Unidos, país em que mora atualmente. Conforme explicado por ele, está a cerca de 2 anos no TikTok e possui conteúdos em outras plataformas de vídeo semelhantes. É o professor com maior número de seguidores entre os entrevistados, conforme mostram os números em seu perfil.

Quanto ao processo de criação, o professor afirma criar um *storytelling* para chegar ao objetivo desejado em seus vídeos, seja ao ensinar uma expressão ou um verbo em específico. O professor explicou que um dos seus bordões, “*In English, please*”, são aplicados em vídeos de situações específicas em que ele força o personagem, interpretado por ele mesmo na posição de aluno, dizer a frase em inglês, geralmente em situações que são exigidas certas urgências. Por ser formado em cinema, o professor possui suporte, principalmente de materiais de filmagens, mais especificamente com relação à filmagem dos vídeos. Sua formação também contribui na montagem do *storytelling* para o produto final de seus vídeos. O que, segundo ele, dá uma certa impressão de produção da Netflix. Em certo momento da entrevista, ainda sobre as práticas, o professor fala que acredita “*que estou fora da curva, entregando um conteúdo cheio de referências, storytelling e vocabulário, estruturas gramaticais e dicas de pronúncia. Muitos professores, na plataforma, apenas sentam, ensinam frases e vocabulário, o que por si só, já é um máximo.*”. De fato, difere de outros docentes que foram escolhidos para esta pesquisa.

Figura 1. Perfil do TikTok Teacher Tiago Rocha



Fonte: Perfil do TikTok; Teacher Camila em 28/8/2023

Com relação às impressões sobre as práticas, o professor declara que alguns alunos afirmam que aprendem muito mais com seus vídeos do que em um ano todo na escola, reforçando a presença marcante do audiovisual no ensino.

O professor também disponibiliza esse mesmo conteúdo em outras plataformas e apps, o que expande bastante a visualização e o engajamento de seus vídeos. Motivação, suponhamos, de toda a produção por trás de seus vídeos, já que o professor se propõe a uma experiência mais cinematográfica possível.



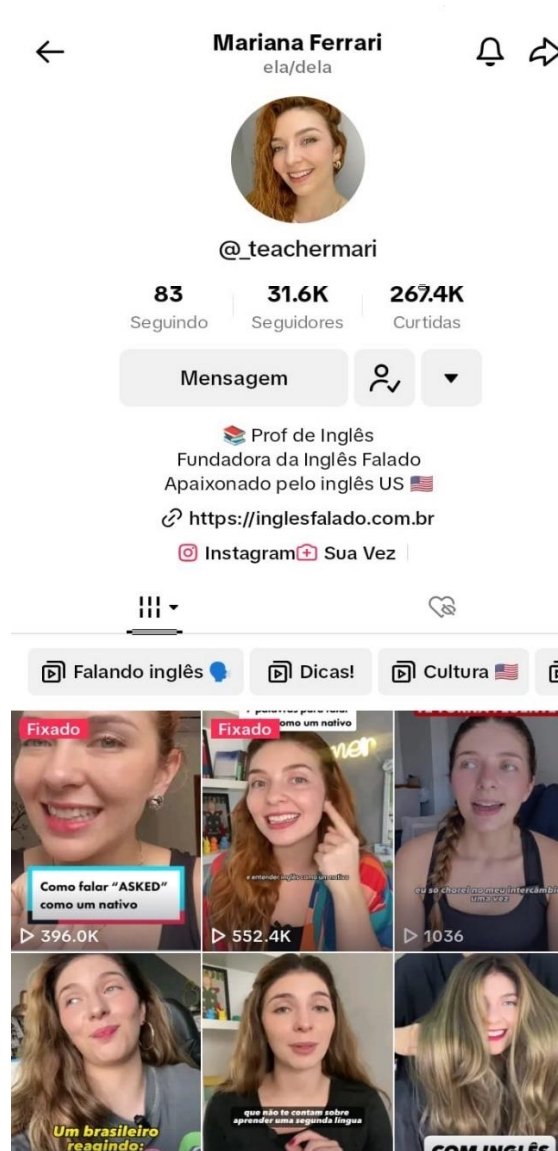
## 4.2Entrevista Teacher Mariana Ferrari: @\_teachermari

A Teacher Mari, como é conhecida, possui o segundo maior número de seguidores dos perfis selecionados para a pesquisa. A comunicação com essa docente, a princípio, ocorreu via mensagem do Instagram, onde foi possível obter o seu e-mail para as respostas do formulário.

Neste caso especificamente, a docente também vende cursos na internet, onde a captação de clientes pode acontecer, previamente, por meio de pequenos vídeos no TikTok e em outras plataformas, como o Instagram. Isso faz com que, conforme afirmado pela própria professora, os vídeos sejam mais básicos e superficiais, apenas com vocabulários e curiosidades da língua.

Segundo a professora, utiliza o marketing como estratégia, em um primeiro momento, para o que será ensinado em seus vídeos, focando no método *ESL - English as a Second Language*. Método que tem o objetivo de ensinar pessoas não-nativas de Inglês a adquirir o idioma como segundo idioma. Assim, a professora tem como um dos seus objetivos a captação de alunos para seus cursos, que são oferecidos em duas modalidades, particular ou em grupos.

**Figura 2.** Perfil do TikTok – Teacher Mari



Fonte: Perfil do TikTok – Acervo Teacher Camila Souza: 28/8/2023

Desse modo, percebe-se que a professora possui dois objetivos, ensinar inglês nas plataformas e captar possíveis alunos por meio de seus vídeos como uma experiência prévia, que provavelmente não devem ser semelhantes às aulas. A professora cita o quesito da *pronúncia* como um dos motivos que faz com que sua prática seja valiosa.

### 4.3 Entrevista Teacher Karen Piunti - @karenpiunti

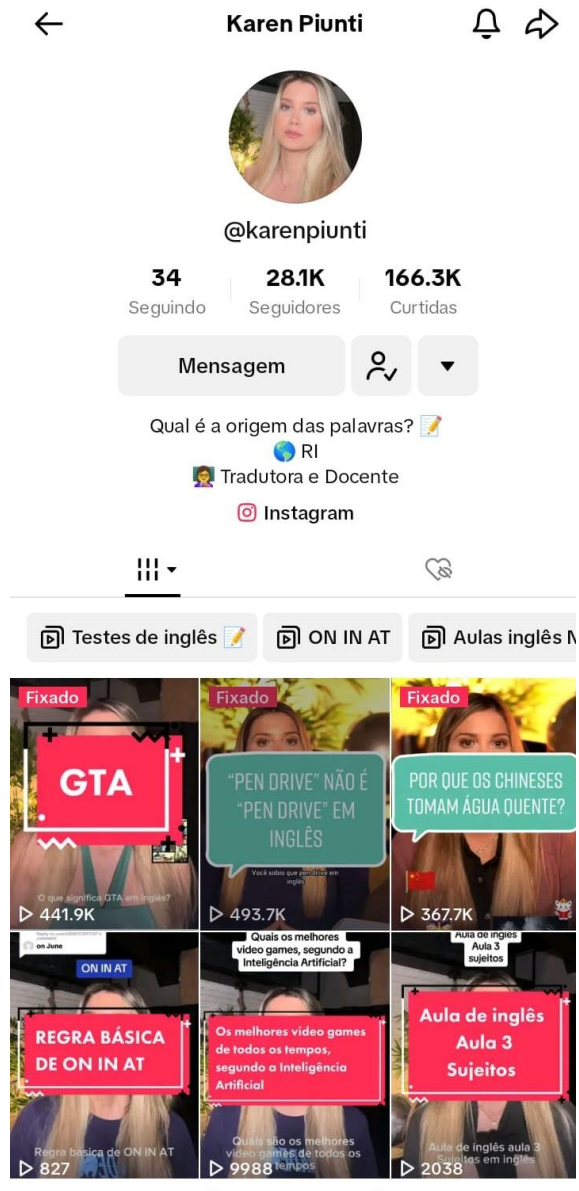
A *Teacher* Karen Piunti, um dos perfis selecionados e, até o momento com menor número de seguidores entre os critérios, possui um dos perfis mais distintivos. Isso se deve por ela não se limitar apenas aos conteúdos em língua inglesa em seu perfil, possuindo algumas análises

em alemão, francês e outros idiomas. A comunicação com a professora se deu completamente pela plataforma, por meio das mensagens privadas, sendo fácil e acolhedora na comunicação, mostrando-se muito disponível.

De acordo com a professora, o objetivo dela é explicar a etimologia das palavras, não somente de língua inglesa. Por isso, em seu perfil, é possível encontrar conteúdos explicando, por exemplo, a origem da palavra *Twitter*, *Spotify*, entre outras, apesar de também existirem alguns conteúdos explicando estruturas da gramática da língua inglesa e outros conteúdos para pessoas que querem aprender inglês do zero.

Em seu perfil, a professora informa que é tradutora e docente e, por ter a sigla RI em sua bibliografia, suponhamos que seja também formada em Relações Internacionais. Além das informações profissionais, contêm a pergunta “Qual a origem das palavras?”, tema principal dos seus vídeos, o que reafirma a centralidade em seu material, como foi dito por ela.

**Figura 3.** Perfil da Teacher Karen Piunti



Fonte: Perfil do TikTok. Acervo: Teacher Camila Souza 28/8/2023

Não há indicativos de que ela ofereça cursos de inglês, concentrando-se somente em mostrar aos estudantes que é possível estudar, aprender e se divertir no TikTok. Outro fator interessante, no quesito da motivação, é que, por meio de vídeos curtos, já é possível tirar dúvidas dos alunos, uma vez que ela traz algumas curiosidades sobre palavras e termos em língua inglesa.

## 4.4 Análise Integradora das Entrevistas

A partir do conteúdo das entrevistas coletadas pelos três docentes, foi realizada uma análise levando em consideração alguns pontos relevantes das entrevistas e de acordo com os objetivos dessa pesquisa. A partir das perguntas sobre práticas pedagógicas e sobre as motivações pessoais de cada um dentro da plataforma, o que querem atingir, o conteúdo que oferecem.

### 4.4.1 Contextos da produção de conteúdos

Neste quesito, os docentes entrevistados já possuem conteúdo com sua própria marca e padrão de vídeos, mesmo que façam diferente vez ou outra; No entanto, em comum, observou-se que os três começaram a produzir conteúdo há menos de 2 anos e, com exceção da Teacher Karen, produzem o conteúdo em outras plataformas de redes sociais, abrangendo mais o público ao qual querem atingir. A Teacher Karen está buscando dialogar melhor com seus seguidores apenas no *TikTok*, para compreender a demanda, enquanto os outros dois preferiram arriscar em outras plataformas. É interessante observar que todos os docentes tiveram atividade massiva nas plataformas no período da pandemia, e que o período da produção da maioria se inicia neste período, conforme já explicado no marco teórico.

Com relação aos recursos técnicos, que serão detalhados mais adiante, a maioria se baseia no que é oferecido pela própria plataforma, na questão de filtros, legendas, entre outros. O professor Tiago, no quesito dos recursos audiovisuais, é o único que utiliza de uma produção maior, com ferramentas externas, devido à sua formação em cinema.

Ainda, a maioria não vende cursos on-line por retorno financeiro direto, mas sim, para abranger uma maior quantidade de público e potencialmente monetizar com os próprios sistemas de monetização das plataformas. Esse sistema de monetização visa a circulação de conteúdo, e é monetizada por meio de publicidade ou por impulsionamento de publicações (VALENTE, 2020).

### 4.4.2 Apresentação e percepção das práticas

Para a apresentação e a percepção das práticas pedagógicas, é notável que todos os docentes tem uma noção muito bem estabelecida de qual é sua marca, o seu diferencial, e o que apresentam para o público-alvo. Além disso, todos valorizam a autenticidade de seus conteúdos por motivos diferentes: o Teacher Tiago pelo humor e pelo *storytelling*, a Teacher Mari

pela valorização da pronúncia do inglês americano e utilização de outros termos para além dos mais conhecidos da língua, e a Teacher Karen pela etimologia das palavras, buscando acompanhar *trends* e virais do *TikTok*.

Assim, cada docente traz sua perspectiva única para suas práticas pedagógicas em plataformas sociais, identificando suas características distintivas e suas estratégias específicas para cativar e captar seu público. Essa diversidade de abordagens pode enriquecer a experiência de aprendizado.

Neste ponto, é válido colocar alguns conceitos do que vem a ser autenticidade e, posteriormente, autenticidade nas redes. Inwood (2002) aponta autenticidade como fazer sua própria coisa, não o que o impessoal prescreve. De acordo com o *site* Meu Dicionário<sup>3</sup>, a autenticidade é: 1) caráter do ato ou documento que está conforme à lei, 2) qualidade de uma obra que comprovadamente pertence ao autor a que é atribuída; 3) qualidade do que é conforme à verdade; veracidade; 4) manifestação de sinceridade ou naturalidade. De outro modo, “A autenticidade é criada na prática, configura-se como diferença e assume uma expressão moral de sinceridade e originalidade.” (GARÇON; YANAZE, 2017, p. 135).

Ao pensar em autenticidade nas redes, será seguido o trecho do artigo do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas)<sup>4</sup>. Autenticidade nas redes é o mostrar o lado real da marca ou empresa para seus seguidores. O artigo ainda enfatiza que ter autenticidade não significa fazer algo totalmente diferente, mas sim, oferecer algo relevante e de qualidade. Acreditam que a preocupação deve ser em responder a um problema e trazer solução única que faça diferença na vida do potencial cliente.

Neste sentido, ao refletir sobre isso, quando pensamos na autenticidade das redes, estamos falando sobre transmitir autenticidade para um aprendente da Língua Inglesa. Quesitos como qualidade, naturalidade e, de certo modo, sinceridade, podem levar um indivíduo a dar credibilidade àquele professor ao ensinar a Língua Inglesa.

Quanto ao valor de suas práticas, o professor Tiago acredita que, apesar de não estar “inventando a roda”, está tentando ensinar inglês de uma maneira mais livre, sem os moldes tradicionais com palavras soltas de um vocabulário específico. Já a professora Mari diz que, apesar de seu conteúdo ser básico e superficial nas plataformas, acaba conquistando a simpa-

---

<sup>3</sup> Endereço da web: <https://www.meudicionario.org/autenticidade> . Acesso em 18 set. 2023

<sup>4</sup> Artigo postado em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/autenticidade-e-essencial-nas-redes-sociais,7a97b240aba76810VgnVCM1000001b00320aRCRD#:~:text=Mas%2C%20o%20que%20C3%A9%20autenticidade,problema%20do%20seu%20potencial%20cliente>. Acesso em: 22 set. 2023

tia dos alunos e depois, quando prospectados, eles descobrem outros atributos em suas práticas. A professora Karen acredita que, em vídeos curtos, já é possível tirar algumas dúvidas dos alunos, e que ainda está compreendendo as demandas do *TikTok*, seguindo as principais *trends* para levar conteúdo à plataforma.

Assim, todos os docentes, de certo modo, em algum momento utilizam de ensinamentos de palavras-chave ou termos específicos para o ensino da Língua, mesmo que superficialmente, como feito pela professora Mari, utilizando situações cômicas/ de risco, como o professor Tiago e, trazendo um caráter mais linguístico, como a professora Karen.

#### **4.4.3 Educação e conteúdo para as plataformas**

Outro ponto relevante para nossa análise foi a maneira em que, paralelamente às práticas como produtores de conteúdo que visam entender sua audiência cada vez mais, os docentes refletem sobre a relação de suas práticas com a educação e sobre seu próprio papel como educadores;

Assim, o professor Tiago, estava interessado em entrar na produção de conteúdo audiovisual e procurou um nicho no qual pudesse usar suas habilidades de comunicação. Ele identificou uma lacuna na produção de conteúdo em inglês com um toque divertido e cinematográfico e decidiu se desafiar nessa área; O Teacher destaca que seu conteúdo contribui para o processo de aprendizado da língua inglesa, oferecendo alternativas mais leves e divertidas em comparação com métodos tradicionais mais densos e cansativos. Embora reconheça que seus vídeos não tornarão alguém fluente instantaneamente, ele acredita que está oferecendo uma abordagem diferente para aprender inglês.

No caso da Teacher Mariana, a qual visa as visualizações e o alcance para captar mais clientes/alunos, acredita que seu conteúdo é apreciado pelo público devido à pronúncia em inglês, carisma e simpatia. Ela acredita que, com o tempo, as pessoas percebem outros atributos em seu conteúdo, no entanto, a profundidade dessas atribuições é dada quando o usuário da rede, a princípio, se torna aluno.

Para a Teacher Karen, criar conteúdo educacional no TikTok a faz se conectar nova geração, demonstrando que é possível aprender de maneira divertida na plataforma. Ela está motivada a compartilhar o conhecimento que adquiriu para ajudar os outros, considerando que todo professor é um produtor de conteúdo natural. Embora reconheça que o estudo envolve várias técnicas, acredita que vídeos curtos podem esclarecer pequenas dúvidas dos alunos, o que considera valioso.

## 5. Análise dos vídeos do TikTok

O foco deste capítulo será a análise dos vídeos e de seus conteúdos, primeiro, foi feita uma análise dos vídeos selecionados dos três professores, com foco no conteúdo, nas práticas e estratégias; depois, foi desenvolvida uma análise integradora que trouxe a descrição geral dos vídeos, as estratégias visuais e conteúdos e, estratégias pedagógicas docentes.

### 5.1 Vídeos Teacher Tiago Rocha

Os dois primeiros vídeos selecionados são da mesma categoria da série *“In English, please?”* que estão presentes no perfil do professor. Embora pertençam a mesma categoria, os vídeos possuem conteúdos e situações diversas, assim como vocabulários de acordo com o contexto do vídeo. Esses vídeos não possuem um título em específico, então irei nomeá-los, por uma questão de organização, como *“In English, please? – The Walking Dead”* e *“In English, please?- I can't stop dancing”*.

Aqui, em adiantado, é possível observar que, nos dois vídeos, há representações ficcionais de situações de perigo iminente. Logo, é natural esperar que as pessoas recorram à sua língua materna, pois a prioridade é garantir sua própria segurança.

#### 5.1.1 In English, please? – Como se diz lá ele em inglês? (The Walking dead)

O primeiro vídeo selecionado possui 1,4 Milhões de visualizações e cerca de 146,3k de curtidas 28 de agosto de 2023, postado em 26 de janeiro de 2023. É um dos vídeos da série *“In English, please?”*, onde apesar de ser um vídeo em que o aluno se esforça para falar Inglês em um contexto de risco, o Teacher, presente no vídeo, o faz falar uma expressão correta e completa, para que ele o auxilie.



**Figura 4.** Aluno chega até o professor pedindo ajuda



**Fonte:** Vídeo “In English, Please? – Como se diz lá ele”, publicado em 26-01-2023.

O professor busca promover a prática da língua inglesa em uma situação mais desafiadora, incentivando o aluno a falar em inglês e corrigindo-o toda vez que ele utiliza o português. O professor utiliza a expressão "*in English, please*" para indicar que o aluno deve se expressar exclusivamente em inglês. Nesse vídeo em específico, fazendo uma conexão com o seriado *The Walking Dead*, o aluno vai até o professor para lhe avisar que zumbis estão atrás dele, tentando devorá-lo. Apesar do vídeo ter uma grande característica de entretenimento, não perde seu valor didático, pois o fato de o professor incentivá-lo a falar a frase completa em inglês faz com que a pessoa que assiste o conteúdo também aprenda algumas expressões e vocabulário. No vídeo, pelo motivo de o professor ser baiano, é possível ver até algumas expressões regionais utilizadas pelo professor. Nesse momento, o aluno até dá uma “invertida” no professor, pois pede que o professor fale “in English”.

**Figura 5.** Sequência de diálogo entre *teacher* e *student* com algumas variações regionais da Bahia.



Neste momento, é possível notar a expressão regional “lá ele”, utilizada em conversas com duplo sentido.

**Fonte:** Vídeo “In English, Please? – Como se diz lá ele”, publicado em 26-01-2023

Essa abordagem do professor tem como objetivo principal criar um ambiente de imersão linguística, onde o aluno é encorajado a utilizar a língua-alvo, mesmo em situações potencialmente arriscadas. Ao repetir constantemente a expressão “*in English, please*”, o professor reforça a importância da comunicação em inglês e incentiva o aluno a superar a dificuldade de se expressar em uma língua estrangeira. No decorrer do vídeo, por mais que o aluno continue misturando as frases em português e inglês, o professor continua a responder exclusivamente em língua inglesa e corrigindo-o.

**Figura 6.** Sequência em que ocorre a correção do verbo tentar em inglês.



A correção do verbo acontece, pois o aluno substitui e comete um erro ao dizer o verbo tentar em inglês, o professor, neste momento, o corrige em inglês.

- The zombies are tentation

- Tentation? It doesn't make sense

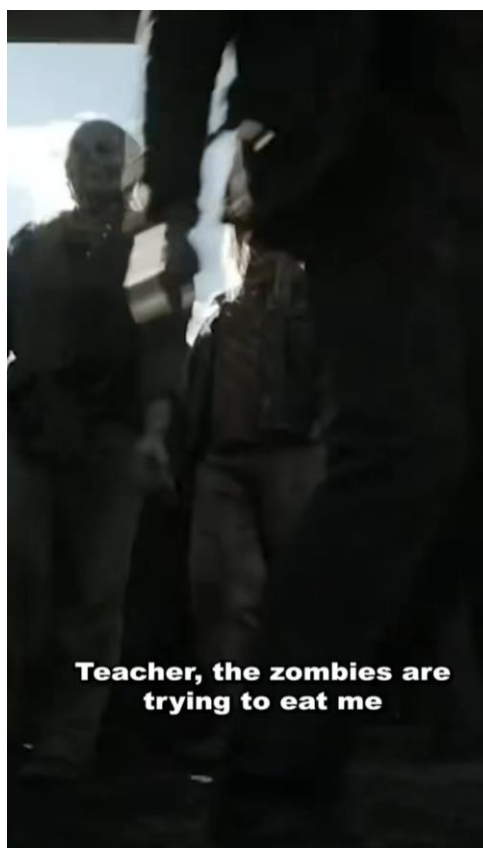
- How do you say tentar in English? Chiclete?

**Fonte:** Video "In English, Please? – Como se diz lá ele", 26-01-2023

Nos prints acima, é possível ver as correções acontecendo no decorrer da conversa e, é importante enfatizar, que, enquanto isso, a cena dos supostos zumbis continua acontecendo. Essa abordagem também pode ter como objetivo criar um senso de urgência no aluno, uma vez que ele precisa se esforçar para falar em inglês em uma situação arriscada. A pressão exercida pelo professor ao corrigir prontamente as falas em português do aluno pode ajudar a aumentar a sua motivação para melhorar suas habilidades de comunicação em inglês.

Na figura a seguir, já é possível ver que, na situação proposta pelo vídeo, o aluno já consegue formar frases quase que completas em inglês, atingindo o objetivo principal do vídeo, que é falar em inglês em situações desafiadoras, mesmo que coloque uma palavra ou outra que não faça sentido. Na próxima figura, após auxílio do docente, é possível ver que o aluno consegue formular a frase, que é "*The zombies are trying to eat me*", e ao traduzir "os zumbis estão tentando me comer".

**Figura 7.** “The zombies are trying to eat me”



**Fonte:** Video “In English, Please? – Como se diz lá ele”, publicado em 26-01-2023

### **5.1.2 In English, please? –Quem é você no Playdance?”**

O segundo vídeo, ainda da série “*In English, please?*”, mostra um aluno que não consegue parar de dançar, por coincidência, uma música do TikTok e, ao encontrar o professor, pede que ele desligue o celular para que ele pare de dançar. Essa publicação possuía, até 28 de agosto de 2023, 986,4 mil visualizações e 146,4 mil likes, tendo sido publicado em 19 de setembro de 2022. O professor, então, exige que o aluno diga a frase completa, em inglês, para que ele enfim, faça o que o aluno solicitou. Por conta dos dois vídeos serem da mesma categoria, os objetivos a serem alcançados seguem o mesmo na questão da prática e da didática utilizada.

O aluno precisa, ao final do vídeo, dizer “*Teacher, the TikTok crashed, I can't stop dancing. Please, turn off my phone*”, mas, por não conseguir parar de dançar e a obrigatorie-



dade dada pelo professor de falar em inglês, ele sente dificuldades de executar o que é pedido a ele.

**Figura 8.** Sequência da situação problemática do aluno



- Meu TikTok travou. Teacher, eu não aguento more.

- In English, please.

**Fonte:** Vídeo “In English, Please? –Quem é você no Playdance?”, publicado em 19-09-2022

Nesse vídeo, o professor, para auxiliar e incentivar que o aluno fale em inglês, acaba utilizando alguns gestos. Um hábito comum feito por docentes, incluindo minha própria experiência, para que os alunos se lembrem das palavras que precisam usar para falar uma frase corretamente, o que não dá tanto resultado nesse caso. Aqui, temos mais uma expressão regional, a expressão “dor de facão”, na qual o aluno fala por conta da dor que sente, de tanto dançar. Nesse caso, o professor o adverte que, ao dizer que é “*big knife pain*”, seria uma dor ao pé da barriga, no sentido mais literal possível. Também adverte que, até a dor que ele tenha, que o diga “*in English*”.

**Figura 9.** Big Knife Pain – Dor de facção

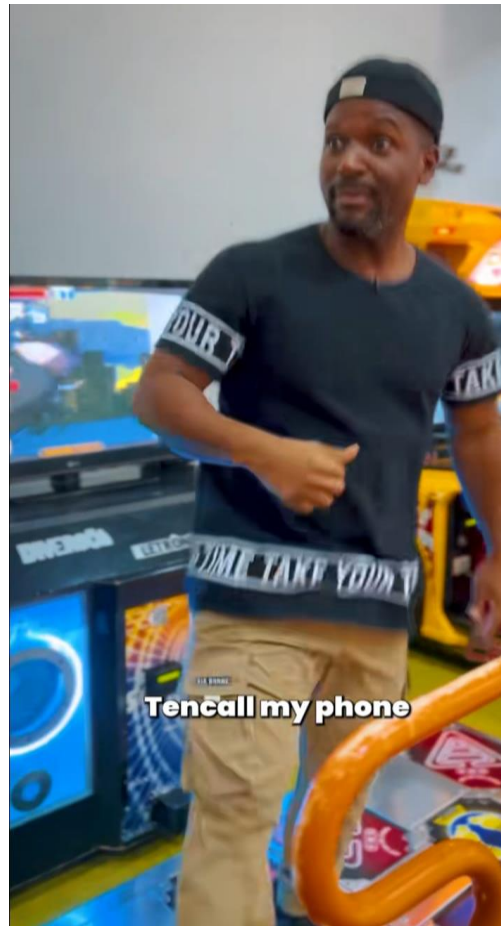


**Fonte:** Video “In English, Please? –Quem é você no Playdance?”, publicado em 19-09-2022

As tentativas continuam e o professor não desiste, incentivando-o a aprender e pronunciar palavras novas. No caso, assim como no primeiro vídeo, o auxílio das legendas facilita muito o trabalho de quem está ali para aprender vocabulários novos, permitindo que veja a parte escrita e exercite também o *listening* e *speaking*. Afinal, é possível reproduzir o vídeo quantas vezes achar necessário.

Na imagem a seguir, o aluno ainda tenta fazer um trocadilho, ao querer dizer ao professor para desligar o celular, ele usa o termo “tencall my phone”, sendo *desligar*, o prefixo *des* ser ligado ao numeral “*ten=dez*”, inventando a palavra “tencall”.

**Figura 10.** “Tencall” my phone



**Fonte:** Vídeo “In English, Please? –Quem é você no Playtime?”, publicado em 19-09-2022

Ao decorrer do vídeo, já é possível ver a evolução correta de parte da frase, assim como a correção das palavras, mesmo que o aluno ainda esteja em situação complicada. Em termos de estratégias, as evoluções mostradas para a pronúncia e tempos verbais corretos, que podem parecer simples, são o suficiente para uma situação mais urgente.

**Figura 11. TikTok Crashed**



**Fonte:** Video “In English, Please? –Quem é você no Playdance?”, publicado em 19-09-2022

**Figura 12. “Dance with ING”**



**Fonte:** Video “In English, Please? –Quem é você no Playdance?”, publicado em 19-09-2022



A correção do tempo verbal e da flexão do verbo solicitada pelo professor, nesse momento do vídeo, pode fazer com que o usuário tenha interesse em saber o porquê de ser necessário utilizar um verbo com ING, o *present continuous*, numa frase falada quase que exclusivamente no presente. Com isso, pode levar, além do restante do vídeo, a instigar a curiosidade de pesquisar e passar a utilizar a forma correta.

Essa situação, pensando em estratégia de ensino, parece ter o objetivo de incentivar o aluno a praticar o idioma em diferentes contextos, mesmo quando distraído ou envolvido em outras atividades, como dançar, a exemplo do vídeo.

**Figura 13.** “Teacher, turn off my phone.”



**Fonte:** Vídeo “In English, Please? –Quem é você no Playdance?”, publicado em 19-09-2022

Ao final, o aluno é capaz de pedir que o professor desligue o seu celular, conforme ele já tinha solicitado no início do vídeo. Situações como essas, utilizadas como práticas de ensino pelo professor Tiago, são vistas em sala de aula. Como, apenas a nível de exemplo, quando algum aluno pede em português para ir ao banheiro urgentemente e o professor exige que o

faça em inglês. O professor se aproveitou dessa situação simples e transformou em algo cômico, com situações extremas, como mostrado nesses vídeos e em tantos outros, e trouxe uma proposta pedagógica assim. Essa abordagem visa promover a imersão linguística, desenvolver as habilidades de comunicação oral e criar um senso de urgência no aluno para que ele se esforce em utilizar o inglês de forma efetiva.

No entanto, por meio da proposta diferente do vídeo e do valor didático do vídeo, a nível de aprendizado, pode-se considerar que um aluno iniciante tenha dificuldade de compreender a parte gramatical devido à rapidez de que as situações acontecem no vídeo. Por mais que, em situações reais, como proposto pelo professor, não tenhamos realmente tanto tempo para pensar, tudo é realmente um improviso.

### **5.1.3 Palavras em Inglês com “H” mudo.**

O terceiro e último vídeo selecionado foge dos dois primeiros e é um dos poucos vídeos com cenas mais elaboradas e de ação propostas pelo professor, apesar de ainda possuir sua carga criativa. O vídeo intitulado “Palavras em inglês com H mudo” possui um número um pouco menor de visualizações, já que os vídeos mais populares são da série “*In English, Please?*”, a qual faz parte de categorias de ação. Já o vídeo analisado é mais curto e com uma característica mais de agregar vocabulário, pronúncia e escrita.

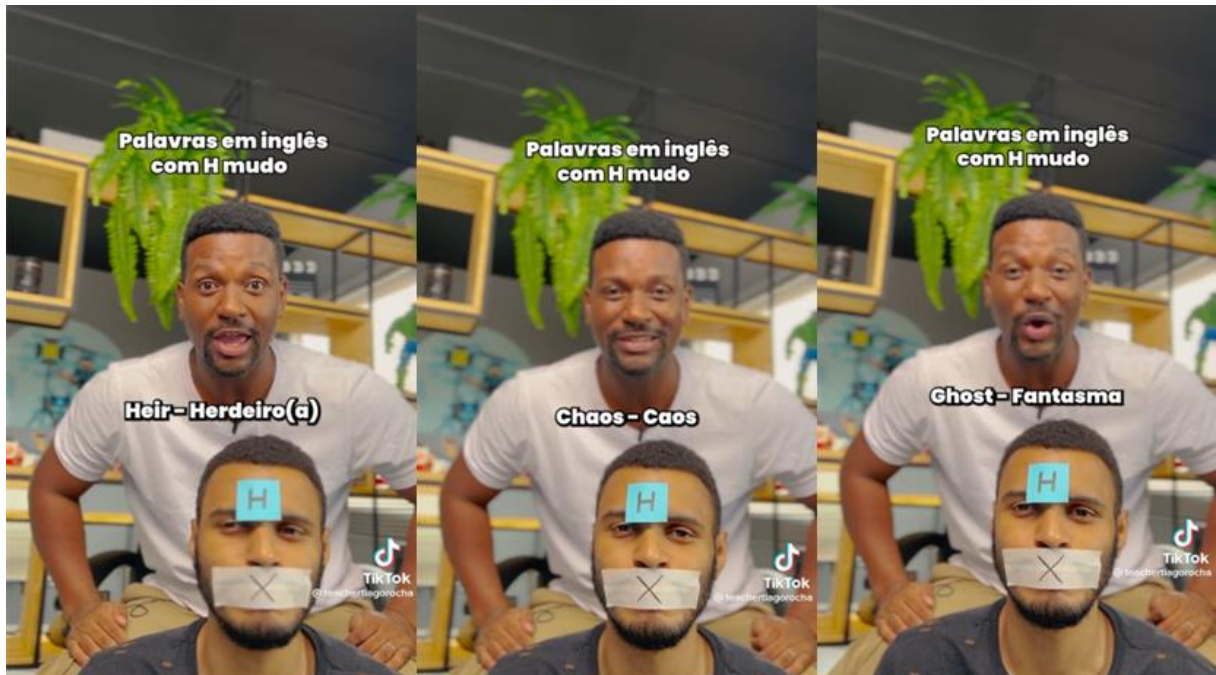
**Figura 14. “H” Mudo**



**Fonte:** Vídeo “Palavras em Inglês com H mudo”; Publicado em 16-01-2023

O professor, então, coloca um outro personagem para ser a letra H, colocando um esparadrapo em sua boca, simbolizando o “H MUDO”, e fazendo sinal com a boca para que o H fique em silêncio e, em seguida, profere as palavras em inglês, cujo a letra não possui o próprio som. As palavras são seguidas de tradução apenas na legenda.

**Figura 15.** Palavras com H Mudo.



Algumas sequências de palavras com "H" mudo, seguidas de palavras como *honor*, *hour*, *honesty* e *echo*.

**Fonte:** Vídeo "Palavras em Inglês com H mudo"; Publicado em 16-01-2023

Essa abordagem criativa do professor tem como objetivo chamar a atenção dos espectadores para a peculiaridade da pronúncia do "H" no inglês. Ao utilizar uma representação visual, o professor busca tornar o conceito mais memorável e divertido. Por meio dessa estratégia, o professor pode enfatizar que, em algumas palavras do inglês, o "H" não é pronunciado e não tem um som específico, mas ainda tem uma função na escrita. Ele pode explorar exemplos de palavras em que o "H" é mudo e explicar as regras e exceções associadas ao seu uso.

Além do aspecto cômico, essa abordagem pode ter como objetivo ajudar os alunos a compreenderem a pronúncia correta das palavras em inglês e evitar erros comuns relacionados ao "H" mudo. O uso de elementos visuais e humor pode tornar o aprendizado mais envolvente e facilitar a assimilação das informações pelos estudantes.

Essa abordagem pode tornar o aprendizado mais agradável e auxiliar os estudantes na compreensão e na pronúncia correta das palavras com "H" mudo.



## 5.2 Vídeos Teacher Mariana Ferrari

Os vídeos da professora Mariana possuem uma ênfase maior na pronúncia das palavras, pois ela é, segundo suas próprias palavras, uma amante do inglês americano, então possui um foco no inglês falado e com o objetivo de aparentar natividade de língua inglesa. Os três vídeos que foram selecionados, tendo conteúdos diferentes e dicas diferentes de falar a língua inglesa. Lembrando que a professora dá aulas particulares e em grupo para alunos, sendo prospectar clientes um dos seus objetivos.

### 5.2.1 “7 palavras que te farão falar como um nativo”.

Este primeiro vídeo selecionado possui, até 28 de agosto de 2023, cerca de 503 mil visualizações na plataforma, sendo um dos mais vistos da professora e possui 66,6 mil likes. Aqui já temos uma observação importante que, no início do vídeo, ela já enfatiza que são palavras que te farão falar como um nativo e *entender* melhor um nativo, principalmente americano. O vídeo são uma série de 7 frases que são passadas para um modo mais informal da fala.

As frases passadas pela professora são: *I'm going to*, *Have got to*, *Tell them*, *What are you*, *Don't know*, *Let me* e, por fim, *Sort of*. Em seguida, apresenta como se pronunciam de maneira mais informal, o que permite que o aprendente repita as frases.

Figura 16. Falando como um nativo



1) I'm going to, 2) have got to, 3) tell them, 4) what are you; Expressões idiomáticas do dia-a-dia, que facilitam a fala do inglês e também o phrasal verb have got to, que pode significar “tenho que”.

**Fonte:** Video do Tik Tok “7 palavras em inglês que te farão falar como um nativo”. Publicado em 25-01-2023

Nesses casos, a professora utiliza expressões do cotidiano, focando na pronúncia em língua inglesa. O objetivo é parecer nativo, o que sem dúvida chama muita atenção de pessoas que pretendem aprender em inglês.

**Figura 17.** Expressões idiomáticas



5) Don't know, 6) Let me, 7) Sort of; Expressões usadas no cotidiano e, podem variar na pronúncia a depender da região, por conta da variação linguística da língua inglesa.

**Fonte:** Video do Tik Tok “7 palavras em inglês que te farão falar como um nativo”. Publicado em 25-01-2023

### 5.2.2 Ninguém fala you're welcome

O vídeo é mais um que, além de dar dicas para falar como um nativo de língua inglesa, foca em pronúncia e linguagem informal, tirando algumas regras que, geralmente, aprendemos em cursos de inglês com abordagens mais tradicionais. Neste caso, ela aponta seis expressões que podem ser substituir o “you're welcome”, o famoso “de nada” em português

usual, no dia a dia. Ela informa, neste vídeo, que os “gringos”, como se refere, não saem o tempo todo falando essa expressão por aí e que pode ser substituída por outras expressões.

**Figura 18.** Outros modos de falar “you’re welcome



**Fonte:** Vídeo do Tik Tok “Ninguém fala you’re welcome”. Publicado em 26-9-2022

Ao trazer novas formas de se falar algo, a professora ajuda o aprendente da língua a se comunicar de outras maneiras em inglês, o mais natural possível. Inclusive, auxilia a evitar alguns constrangimentos, caso a pessoa venha a se comunicar com algum nativo da língua, para que ela não considere que as situações reais em que será necessário usar inglês serão as mesmas utilizadas em cursos.



**Figura 19.** Outros modos de falar you're welcome parte 2



**Fonte:** Vídeo do Tik Tok “Ninguém fala you’re welcome”. Publicado em 26-9-2022

No caso, ela auxilia e dá dicas para que o aluno aumente o seu vocabulário de expressões idiomáticas, utilizando *phrasal verbs* e gírias. O processo se torna um pouco mais prático, porque o vídeo se repete automaticamente, a menos que o usuário o feche, o que permite que seja repetido várias vezes, um processo que costuma funcionar bastante no aprendizado e aquisição da língua.

### 5.2.3 Como falar “tenha um bom dia” em inglês

O último vídeo selecionado é o com menor número de visualizações entre os selecionados. Neste vídeo, além de explicar uma expressão simples do dia a dia e, conforme explicado por ela, algo muito utilizado, aproveita para explicar uma situação gramatical da língua.

A expressão “*Have a good day*”, que é o “tenha um bom dia”, é muito utilizada, no entanto, “*have a good one*”, como explica a influenciadora, é mais usada ainda. Conforme ela



explica, o termo “one”, que a princípio é um numeral, substitui a palavra “*day*”, um substantivo simples.

**Figura 20.** Have a Good One.



**Fonte:** Video do Tik Tok “Como falar tenha um bom dia em inglês”. Publicado em 28-9-2022

Entre os três vídeos, apesar de a professora enfatizar a pronúncia da língua inglesa e a relevância de parecer falante nativo, a ênfase excessiva na pronúncia nativa pode criar barreiras para os alunos que têm sotaques não nativos ou dificuldades na pronúncia. Isso pode levar à insegurança e à desmotivação, especialmente para aqueles cuja língua materna é bastante diferente do inglês. É importante que a professora crie um ambiente inclusivo e encorajador, reconhecendo e valorizando a diversidade linguística dos alunos.

## 5.3 Vídeos Teacher Karen Piunti

Os três vídeos selecionados da *Teacher Karen* possuem como característica seguirem artefatos mais recentes do cotidiano, como jogos de videogame e nomes de streaming que geralmente são utilizados pelo público mais jovem. Atingir esse perfil é um dos objetivos da professora, conforme dito em sua entrevista. Os vídeos ao mesmo tempo que possuem a marca de tirar dúvida dos alunos, traz curiosidades da língua e, um deles, a origem de uma palavra, sendo o objetivo principal do perfil da professora

### 5.3.1 Pen Drive não é Pen Drive em inglês.

O primeiro vídeo selecionado possui, até 28 de agosto de 2023, cerca de 493,7 mil visualizações e cerca de 332 likes, sendo um dos mais visualizados da professora até agora. Neste vídeo, ela explica que o dispositivo “pen drive” possui outra nomenclatura em inglês. Este vídeo, apesar de ser mais uma curiosidade da língua, não perde seu valor didático, pela presença da pronúncia e escrita da palavra correta no vídeo, assim como a reflexão que pode ser feita, acerca de termos estrangeiros que são “abrasileirados”. O que é o caso de alguns outros que acontecem por aqui, como a palavra “*delete*”, que com o passar do tempo, apenas permitido linguisticamente falando, resulto no verbo deletar, uma vez que *excluir* é o termo em português.

**Figura 21.** Pen Drive



Na imagem a professora explica que no Brasil o termo é bastante utilizado e, ao canto do vídeo, é possível ver o ícone em desenho do “pen drive.

**Fonte:** Video do Tik Tok “Pen Drive não é Pen Drive em inglês.”. Publicado em 10/8/2022

**Figura 22.** USB Drive/Flash Drive



**Fonte:** Video do Tik Tok “Pen Drive não é Pen Drive em inglês.”. Publicado em 10/8/2022

Na imagem acima, é explicado como, em inglês, é chamado o famoso pen drive, sendo os nomes corretos Flash Drive ou USB Drive. A professora utiliza a entonação correta de cada uma das palavras, principalmente de U-S-B que, assim como em português, as letras são ditas uma a uma.

### **5.3.2 The Bomb has been Planted – Counter Strike**

Neste caso, temos a explicação da frase dita em um jogo para PC ou video games, Counter Strike, quando o jogador fica sabendo que foi implantada uma bomba no jogo. No caso, *the bomb has been planted* é uma frase que possui uma formação gramatical incomum ao que falantes, principalmente os mais avançados, da língua inglesa estão acostumados a ver.

**Figura 23.** The bomb has been planted

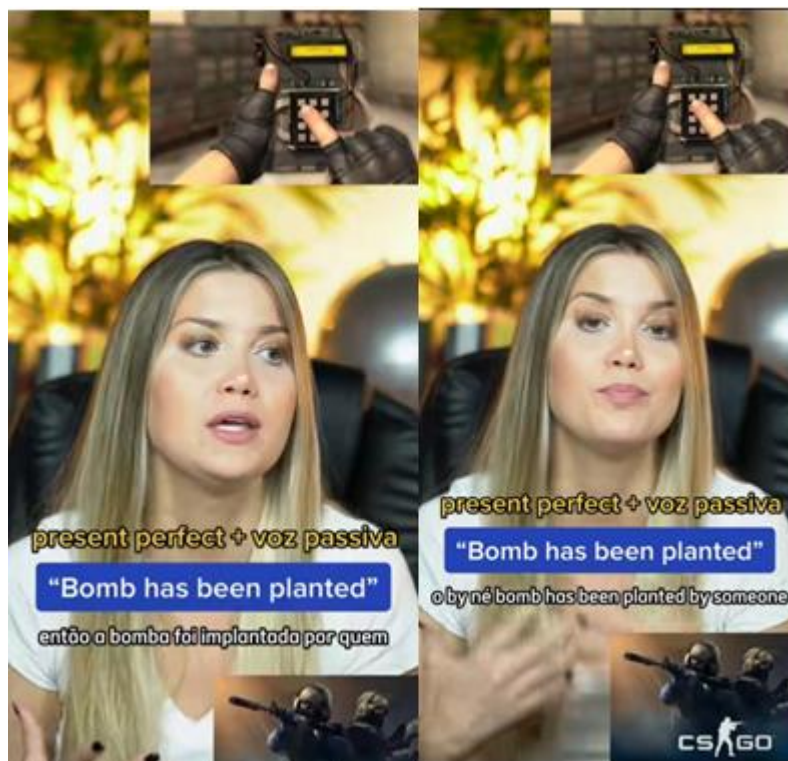


A explicação dada é que nos deparamos com a frase e que, gramaticalmente falando, existem dois particípios na mesma frase, sendo *been* e *planted*, o que não é comum nas questões da fala e escrita formal.

**Fonte:** Vídeo do TikTok “The Bomb has been planted – Counter Strike. Publicado em 7-10-2022

Aqui, a professora começa a explicar a estranheza causada pelo uso de dois particípios numa mesma frase, uma vez que ela explica que a estrutura comum do *present perfect*, que é uma gramática avançada e complexa do inglês possui uma forma padrão, sendo **have/has+been+particípio**. E que, nesse caso, temos uma situação gramatical diferente, como mostrado nas figuras a seguir:

Figura 24. Present Perfect



A explicação a seguir é de que, nesta frase, temos a presença do **present perfect + passive voice**, sendo o presente perfeito com a voz passiva, ocorrendo uma ocultação da voz passiva, uma vez que não fala por quem a bomba está sendo implantada.

**Fonte:** Vídeo do TikTok “The Bomb has been planted – Counter Strike”. Publicado em 7-10-2022

Assim, se a estrutura gramatical é alterada, é possível inferir marcas de oralidade presentes em jogos, uma vez que são situações ficcionais e de ação, não se preocupando com a gramática normativa e regras estruturais da escrita. A ocultação do sujeito da voz passiva na frase, é ocultado porque, no jogo, não é possível saber quem é o autor da ação alertada no momento.

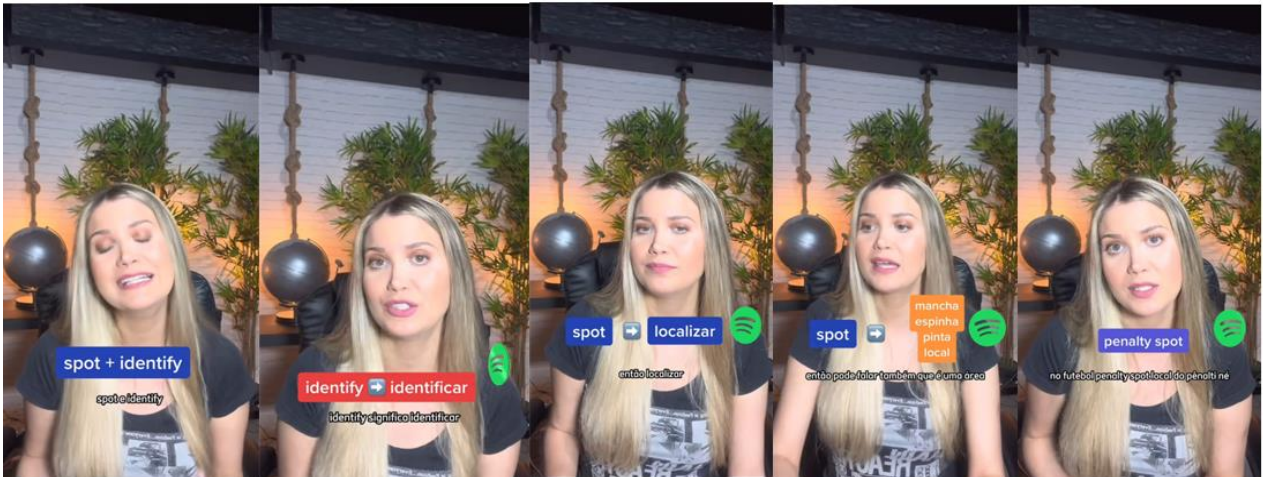
### 5.3.3 Spotify

Aqui, analisamos o conteúdo do terceiro vídeo que possui, dentro dos critérios que selecionamos, o menor número de likes e visualizações dentre os vídeos de língua inglesa da professora. Esse vídeo trata da origem da palavra *Spotify*, uma plataforma de streaming de músicas e podcasts. Nesse caso, ela faz uma análise mais linguística de como se chegou ao nome da marca e trabalha a questão da pronúncia correta da palavra. Uma vez que, em portu-



guês, sempre abrigamos os termos e, logo no início, ela já mostra como se diz, em inglês, a palavra.

**Figura 25.** Spot+Identify



**Fonte:** Vídeo do TikTok “Spotify”. Publicado em 7/12/2022

Nesse ponto, a professora dá a explicação de que os produtores da marca afirmam que não tem um significado específico. Contudo, separadamente, essas palavras possuem significados. No caso da palavra *spot*, há maior diversidade, inclusive é usada em outro contexto, como o do pênalti do futebol.

## 5.4 Análise integradora dos vídeos dos docentes

Deste modo, cabe analisar de modo geral as características de cada um dos vídeos analisados dentro dessa pesquisa, levando em consideração as práticas pedagógicas e a análise de suas práticas na plataforma do *TikTok*. Assim, vamos recapitular os vídeos analisados, na ordem em que foram examinados.

### 5.4.1 Descrição geral dos vídeos

Seguindo os critérios delimitados no capítulo metodológico, foi feita uma tabela com detalhes dos nove vídeos selecionados, contando com as métricas em quantidade de visualizações e curtidas, assim como títulos e autores dos vídeos:

**Tabela 1.** Recapitulação dos vídeos analisados

<b>Título</b>	<b>Visualizações</b>	<b>Curtidas</b>	<b>Comentários</b>	<b>Professor/Autor</b>	<b>Link do vídeo</b>
In English, please? – Como se diz “lá ele” em inglês?	1,4 milhões	146,3 mil	986	Tiago Rocha	<a href="#">Vídeo</a>
In English, please? – Quem é você no Playdance?	986,4 mil	146,4 mil	422	Tiago Rocha	<a href="#">Vídeo</a>
Palavras em Inglês com “H” mudo	29,7 mil	2660	20	Tiago Rocha	<a href="#">Vídeo</a>
7 palavras em inglês que te farão falar como um nativo	552,7 mil	70 mil	145	Mariana Ferrari	<a href="#">Vídeo</a>



Ninguém fala you're Welcome	41,3 mil	2886	77	Mariana Ferrari	<a href="#">Vídeo</a>
Como falar "tenha um bom dia" em inglês	6318	512	3	Mariana Ferrari	<a href="#">Vídeo</a>
Pen Drive não é Pen Drive em inglês.	493,7 mil	3332	44	Karen Piunti	<a href="#">Vídeo</a>
The Bomb has been Planted – Counter Strike	32,4 mil	2802	59	Karen Piunti	<a href="#">Vídeo</a>
Spotify	7443	788	3	Karen Piunti	<a href="#">Vídeo</a>

**Fonte:** Elaboração da autora em base a dados publicados na plataforma *TikTok* (28/8/2023)

Assim, no que tange às visualizações, o Teacher Tiago Rocha é o que possui o maior número de visualizações dentre os demais, tendo um principal destaque os vídeos de sua série *"In English, please"*, seguidos do vídeo da professora Mari, ao demonstrar palavras que farão com que um estudante "se passe" por um nativo e, um vídeo da Teacher Karen que desvende o uso da palavra Pen Drive.

Ao analisarmos a popularidade dos vídeos da série *"In English, Please"*, podemos observar que "Quem é você no *PlayDance*?" recebeu 146,4 mil curtidas e acumulou 986,4 mil visualizações. Em contraste, o vídeo com o maior número de visualizações foi "Como se diz lá ele em inglês", que alcançou 1,4 milhões de visualizações. Em média, os três vídeos selecionados registraram 146 mil comentários. É importante notar que o vídeo mais simples em termos de modelo, "Palavras em Inglês com H mudo", obteve apenas 2660 curtidas e um número significativamente menor de visualizações, totalizando 29,7 mil.

No caso da Teacher Mariana, o vídeo com maior número de curtidas é sobre "7 palavras que o farão falar como um nativo", com 70 mil *likes*, enquanto o vídeo "Como falar tenha um bom dia" recebeu o menor número de curtidas, com 512; deste modo, por ser um vídeo ainda dentro do padrão que a professora costuma mostrar em seus vídeos, por ser um vocabulário mais simples, o número de curtidas foi menor.

Para a Teacher Karen, o vídeo que desvenda a palavra Pen Drive, apesar de possuir um número maior de visualizações, com 493,7 mil, possui apenas 3332 curtidas, enquanto o vídeo explicando a origem da palavra *Spotify* possui com 788 curtidas e 7443 visualizações. Assim, os vídeos seguem visualmente o mesmo padrão, porém um trata de uma curiosidade de uso da língua como elemento linguístico, enquanto o outro oferece uma explicação etimológica.

#### 5.4.2 Estratégias visuais e conteúdo

De maneira geral, todos os docentes analisados utilizam os recursos básicos do *TikTok* e possuem vídeos com o rosto centralizado na câmera, como num formato tradicional de sala de aula. A maioria dos vídeos são produzidos em ambiente interno, que aparenta ser feito em casa ou em algum outro ambiente como algum escritório ou sala de estar, dando a noção de algo mais íntimo e cotidiano.

Esse mecanismo envolve a noção de intimidade e do cotidiano nas plataformas, e é como esse cenário fosse uma alegoria do ambiente, ajudando a compreender como a intimidade se reinventa nessa atmosfera. Pelas fotos, textos e atualizações de relacionamentos, indivíduos que não se conhecem tornam-se, mesmo assim, íntimos, mesmo que essa intimidade seja superficial (QUEIROZ; REZENDE, 2019).

O professor Tiago Rocha, neste caso, é o único que utiliza de recursos audiovisuais mais elaborados e, em um deles, chega a utilizar outras pessoas em cena, enquanto as duas professoras, nos vídeos analisados, estão sozinhas.

Ao pensar que todos utilizam do audiovisual, uns com técnicas mais avançadas e abrangentes que outros, cabe refletir sobre o que o audiovisual proporciona ao ensino. De acordo com Silva (2017), o desafio se dá na escolha de um bom audiovisual, sendo a característica fundamental para que a proposta do professor não seja prejudicada pela baixa qualidade do material ou pela inadequação às atividades planejadas. Além disso, Silva alerta que existe a possibilidade de os recursos utilizados chamarem mais atenção do que o conteúdo em si, o que pode levar os alunos à dispersão.

Nisso, ao utilizar o termo “vídeo didático”, o qual está sendo pautado aqui, não deixa de ser importante considerar os critérios descritos por Gomes (2008) e outros autores para avaliar o valor didático desses vídeos. Nesse contexto, e incluindo peso em algumas dessas

categorias, abordaremos apenas os critérios relevantes ao formato de plataformas, ao que se destina esta pesquisa, sendo:

- 1) **Conteúdos:** Exatidão e apropriação, atualização, clareza, contextualização, pertinência, suficiência da quantidade da informação, conhecimentos prévios exigidos do aluno para acompanhar o material, adequação da linguagem ao público-alvo, adequação do conteúdo ao público-alvo;
- 2) **Aspectos técnicos e estéticos – LINGUAGENS:** tratamento formal da imagem, uso dos planos, escala, angulação, composição, movimentos de câmera, iluminação, cores, truques, uso do espaço dentro e fora do campo de visão, figuras de retórica utilizadas, valor narrativo, semântico e estético de cada elemento da imagem (cor, iluminação, espaço, proporção, volume, angulação, etc.), seu valor denotativo e conotativo, valor narrativo, semântico e estético dos elementos pertencentes ao código dos gestos, o efeito simbólico ou evocativo de cada um dos recursos visuais, tamanho dos elementos gráficos: fotos, legendas, etc., qualidade técnica e estética dos elementos visuais. **ROTEIRO:** plano da obra, personagens: estereótipos, reais ou ficcionais, objetos animados, realista, tratamento dramático ou humorístico, ambiente, duração do vídeo adequada e suficiente. **PRODUÇÃO:** ritmo da apresentação em relação ao conteúdo e ao público-alvo, variedade das apresentações, identidade com os alunos, montagem como recurso estético para estabelecer conexões criativas ou de impacto visual entre os planos.
- 3) **Proposta pedagógica:** aplicações práticas do conteúdo, objetivos claros: informar, motivar, sensibilizar, exemplificar, que mudança de comportamento, de atitude ou de habilidade, interdisciplinaridade, motivações para leituras mais amplas, recapitulações e sínteses, criação de situações de aprendizagem é facilitada, exemplificações, esquemas e gráficos, alertas quanto a erros frequentes, crenças sobre ensino-aprendizagem e sobre os papéis do professor, do aluno e do próprio material audiovisual e seu uso.
- 4) **Público a quem se destina:** O público é claramente definido e identificável, Previsão de conhecimento prévio do público-alvo é atendida, Proposta pedagógica adequada ao público-alvo, Linguagem adequada ao público-alvo, Formato adequado ao público-alvo. (Gomes, 2008, p. 486-489)

Deste modo, ao refletir sobre esses critérios, os vídeos analisados, de certa forma, atendem à essas características, no entanto, alguns vídeos atendem a mais critérios do que

outros, como é o caso dos vídeos do Teacher Tiago Rocha e, de vídeos mais isolados da professora Mariana e da professora Karen. No termo do roteiro e produção, Tiago Rocha atende a todos os requisitos, assim como na linguagem do público-alvo, uma vez que utiliza de termos regionais em suas práticas e satisfaz à alguns aspectos da linguagem.

A professora Mari tem um público-alvo muito bem definido, e utiliza linguagem apropriada a eles, com aplicação prática, uma vez que já traz as palavras-chave em seus vídeos. A professora Karen, que também já possui um público-alvo bem estabelecido, atende à grande maioria dos recursos de linguagem do vídeo, pois ela faz um bom jogo entre palavras+ legenda+ imagem, mesmo que de maneira mais sutil. Na categoria de conteúdos, todos os docentes atendem às especificações, mesmo que, como no caso da Teacher Mariana, o conteúdo seja superficial nas plataformas e mais aprofundado em seu curso on-line.

### 5.4.3 Estratégias pedagógicas docentes

A princípio, é válido explicar as formas como alguns professores desenvolvem as práticas na plataforma. São utilizadas as habilidades mais tradicionais da língua inglesa, sendo *speaking, listening, writing e speaking*. A habilidade *writing* (escrita), neste caso, acaba ficando em um plano mais afastado, uma vez que está geralmente presente nas legendas;

Assim, de acordo com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular ) de 2018, que divide as habilidades em eixos, explica o **eixo da oralidade** (*speaking*) como as práticas de linguagem em situações de uso oral da língua inglesa, com foco na compreensão (ou escuta) e na produção oral (ou fala). Isso é articulado pela negociação na construção de significados partilhados pelos interlocutores e/ou participantes envolvidos, com ou sem contato face a face. Para **eixo Leitura** (Reading) aborda práticas de linguagem decorrentes da interação do leitor com o texto escrito, especialmente sob o foco da construção de significados, com base na compreensão e interpretação dos gêneros escritos em língua inglesa, que circulam nos diversos campos e esferas da sociedade.

Ainda, as práticas de produção de textos no **eixo Escrita** (*writing*) consideram dois aspectos do ato de escrever: a natureza processual e colaborativa, envolvendo planejamento-produção-revisão, e a prática social que permite aos alunos agir com protagonismo. O **eixo Conhecimentos Linguísticos** aborda o estudo da língua de forma contextualizada, enfocando o *léxico, a gramática e outros elementos linguísticos*. O objetivo é levar os alunos a compreender o funcionamento sistêmico do Inglês de maneira indutiva, promovendo reflexões sobre

noções como "adequação", "padrão", "variação linguística" e "inteligibilidade". Além disso, esse eixo incentiva a comparação entre o inglês, o português e outras línguas, não apenas por curiosidade, mas como um exercício metalinguístico enriquecedor que também destaca a importância de outras línguas além do inglês (BNCC, 2018, p. 241-243).

Ainda, cabe trazer o conceito da habilidade de **Escuta**, o famoso *listening*. A compreensão auditiva, o *listening*, é a habilidade mais usada na língua, de forma diária. Nós ouvimos duas vezes mais do que falamos, quatro vezes mais do que lemos e cinco vezes mais do que escutamos (CELCE MURCIA; OLSHTAIN, 2009, p. 102).

Outra habilidade presente nas práticas, precisamente explorada pela professora Karen, é a **etimologia**, que é definida como o estudo das palavras, de sua história, e das possíveis mudanças de seu significado (FERREIRA, 2010). Por fim, a utilização do **humor** na prática educativa que oferece um contraponto leve e divertido à pesquisa acadêmica, equilibrando o tom sério da área. Isso é particularmente importante em um contexto de ênfase em testes padronizados e responsabilidade educacional, que tende a marginalizar a filosofia e as ciências humanas. Em um ambiente focado em resultados mensuráveis, discursos que não podem ser precisamente avaliados são frequentemente desconsiderados como suspeitos ou irrelevantes (GORDON, 2014, p. 9).

Ao observar as práticas dos docentes, notamos que os vídeos do Teacher Tiago Rocha têm um número maior de visualizações devido ao caráter cômico e a superprodução dos vídeos. No entanto, vídeos que possuem um apelo para “falar como um nativo”, como o analisado da Teacher Mari, também ganham mais *views* devido à busca do “parecer nativo da língua”, algo que muitas pessoas geralmente desejam.

Apesar de os docentes considerarem suas práticas inovadoras, utilizam técnicas tradicionais do ensino da Língua Inglesa, embora não tão perceptíveis à pessoas que procuram um curso de inglês, seja para iniciantes ou até mesmo para que os que já possuem um nível mais intermediário do idioma.

No que se refere à imersão do idioma, que entra nos conhecimentos linguísticos, destacam-se os professores Tiago e Mariana. Eles trazem usos mais cotidianos da língua inglesa, com o professor Tiago incluindo situações de risco, o que incentivaria um aluno a usar a língua inglesa. Ambos enfatizam as habilidades *listening* e *speaking*, com conteúdos que incentivam seu público a repetir as palavras.

Quanto à estrutura gramatical e origem etimológica das palavras, destaca-se apenas a Professora Karen, pois, ao explicar algumas frases, trata de falar como funciona gramatical-

mente falando e, na origem das palavras como se dá. O professor Tiago se destaca na questão do ensino da língua através da dramatização, o que não fica garantido que o aluno aprende, de fato, através da plataforma, pela quantidade de estímulos visuais e alívio cômico presentes no vídeo, que se sobressaem, de certo modo, ao pedagógico de fato.

Portanto, é importante notar que, embora os professores e produtores considerem esses vídeos como inovadores e os tenham disponibilizado na plataforma, eles ainda refletem características do ensino tradicional. Além disso, alguns desses vídeos seguem um modelo semelhante ao utilizado na sala de aula convencional. No entanto, é importante notar que na sala de aula não são levados em consideração diversos fatores, como o engajamento dos alunos, as interações e a experiência do usuário, que estão presentes na plataforma de vídeos.

Em suma, ao refletir sobre as práticas apresentadas, é possível concluir que os docentes que estão ensinando inglês nas plataformas de vídeos oferecem uma variedade de abordagens ao ensino do inglês, das quais algumas se alinham mais com as expectativas tradicionais, embora utilizem de recursos audiovisuais distintos e, possuam preferência por um método ou outro de ensino.

## 6. Considerações finais

O principal objetivo da pesquisa foi analisar práticas de docentes de Língua Inglesa no *TikTok* a partir das observações que possuíam sobre suas práticas educativas. Para alcançar esse objetivo, construímos um marco teórico que abordou os conceitos principais sobre TIC para situar o contexto educativo e, posteriormente, chegando ao ensino de inglês nas plataformas sociais, com especial enfoque no TikTok.

A pesquisa foi baseada em três perguntas, em concordância com os objetivos da pesquisa, sendo, quais eram as práticas desenvolvidas pelos docentes na plataforma TikTok, quais eram as metodologias e estratégias e por fim, qual a perspectiva dos docentes de língua inglesa sobre suas práticas educativas no TikTok.

A partir de uma metodologia de análise qualitativa crítica, descritiva e analítica, foram feitas as coletas de dados das entrevistas e análise de vídeos. Inicialmente, selecionamos perfis docentes, entramos em contato com professores e envio de entrevista semiestruturada. Depois, foi feita uma análise descritiva dos vídeos produzidos por esses docentes, trazendo análises e reflexões sobre suas práticas;

Sobre as entrevistas, todos os professores entrevistados começaram a produzir conteúdo há menos de 2 anos no TikTok, coincidindo com a pandemia da COVID-19. A maioria deles já produzia vídeos em outras redes sociais, indicando uma estratégia de expansão para atingir um público maior. Apesar de nem todos prospectarem clientes, um deles possui um certo renome entre professores no *TikTok*, pois ganhou reconhecimento da plataforma, inferindo-se que a qualidade dos recursos audiovisuais do professor, atrelado à prática de ensino, acaba ficando em segundo ou terceiro plano.

Todos os docentes estão conscientes de suas marcas e pontos fortes de suas práticas e estratégias, uma vez que se consideram inovadores no que fazem. A maioria dos docentes não vende cursos on-line embora, de certo modo, busca monetização na plataforma por meio de visualização, viralização, e uso eficaz da plataforma. Sendo assim, a produção de conteúdo, não necessariamente de modo direto, é potencialmente compreendida como algo que pode ter um retorno econômico e amplia funções da atividade remunerada docente.

Para a análise dos vídeos, realizados a descrição geral dos vídeos, incluindo número de visualizações, curtidas e comentários, com ênfase em visualizações e curtidas. Quanto aos recursos visuais e de conteúdo, foi observado que todos os docentes atendem à quase todos os requisitos existentes para análise de vídeos, tendo em comum o estabelecimento definido de

seus conteúdos, o público-alvo e proposta pedagógica sendo que, alguns se destacam mais no quesito de roteiro e produção, pela qualidade dos recursos audiovisuais utilizados em seus vídeos.

Em relação à estratégia pedagógica docente observada, eles empregam habilidades tradicionais da Língua Inglesa – que por acaso também são visadas em sala de aula – sendo, *listening, writing, speaking e reading*. Além disso, abordam aspectos como as habilidades linguísticas, fazem uso do humor como recurso linguístico e análise epistemológica de algumas palavras. Todos os docentes utilizam em seus vídeos, em maior ou menor grau, as quatro habilidades tida como principais;

A partir dos resultados obtidos nesta pesquisa, entendemos que uma futura projeção para continuar aprofundando o conhecimento sobre as práticas educativas nas plataformas, seria pesquisar com maior profundidade as dinâmicas de aprendizado, as motivações e os modos em que os aprendentes consomem e interagem com esses conteúdos e docente



## Referências

ALDA, L. S.; LEFFA, V.J. Entre a carência e a profusão: aprendizagem de línguas mediada por telefone celular. **Conexão – Comunicação e Cultura**, v. 13, n. 26, p. 75-97, 2014.

ALGORITMO do TikTok: qual a lógica por trás dele?. **EBC ONLINE** – Escola Britânica de Artes Criativas e Tecnologia, São Paulo, Setembro de 2022. Disponível em: <https://ebaonline.com.br/blog/algoritmo-do-tiktok> Acesso em: 27.Set.2022

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. Estratégias de ensinagem. In: ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. (Orgs.). **Processos de ensinagem na universidade. Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 3. ed. Joinville: Univille, 2004. p. 67-100.

ARAUJO, A. M. C. d., COUTO, E. S., & FICOSECO, V. S. Whatsapp® como prolongamento de espaço formativo: Narrativas de professores de Língua Inglesa de escolas públicas municipais de Feira de Santana. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 44, p. 362-380, 2021.

ARAUJO, J. C. **Da metodologia ativa à metodologia participativa**. In: VEIGA, I. P. A. et al. Metodologia participativa e as técnicas de ensinoaprendizagem. Curitiba: CRV, 2017.

ARAÚJO, M. S.; ROCHA, L. T. V. Apropriações das tecnologias digitais na aprendizagem de inglês. **Revista Intercâmbio**, São Paulo: LAEL/PUCSP, v. XLV: p. 168-186, 2020.

AZIZ, I. N; SABELLA, R. H. TikTok as Media of Learning English: Experimental research on the third class of senior high. **JEET, Journal of English Education and Technology**, v. 2, n. 02, p. 408-419, 1 Feb. 2022.

BAADE, J. H.; GABIEC, C. E.; CARNEIRO, F. K.; MICHELUZZ, S. C. P.; MEYER, P. A. R. Professores da educação básica no Brasil em tempos de COVID-19. **HOLOS**, [S. l.], v. 5, p. 1–16, 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARIN, C.; ELLEN SOHN, R. M; SILVA, M. F. O uso do TikTok no contexto educacional. **RENOTE**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 630–639, 2021.

BIJKER, Wiebe E., Thomas P. Hughes, and Trevor J. PINCH, eds. **The Social Construction of Technological Systems: New Directions in the Sociology and History of Technology**. Cambridge, MA: MIT Press, 1987.

BONILLA, M. H. S; PRETTO, N. L. Política educativa e cultura digital: entre práticas escolares e práticas sociais. **Perspectiva (UFSC)**, v. 33, p. 499-521, 2015.

BONILLA, M. H. S. Inclusão digital nas escolas: políticas, pesquisas e práticas. In: FALCÃO, E. B.; VILANOVA, R. (Org.). **Educação em ciências e saúde: história, consolidação e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora Philae, 1ed, 2020.

BRANDÃO, L. H. M.; SILVA, J. S. Implicações docentes e discentes na utilização das novas TIC no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa. **Texto Livre**, Belo Horizonte-MG, v. 11, n. 3, p. 65–88, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CALDEIRA, A. M. S.; ZAIDAN, S. Práxis pedagógica: um desafio cotidiano. **Paidéia r. do cur. de ped. da Fac. de Ci. Hum., Soc. e da Saú.**, Univ. Fumec Belo Horizonte, v. 10, n. 14, p. 15-32, jan./jun., 20

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

\_\_\_\_\_. **A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2012.

CELCE-MURCIA, Marianne.; OLSHTAIN, **Elite Discourse and context in language teaching: a guide for language teachers**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009

CENSI, L. J. L; JESUS, R. M. V. Tecnologias digitais móveis, praticantes de língua inglesa e uma proposta pedagógica para o uso de apps. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 4, p. 228-247, 2020.

CHIK, A. **Autonomy in Language Learning and Teaching**. Sydney, Australia: Palgrave, 2018

COUTO, E. S. Pedagogias das conexões: produções de conteúdos e redes de compartilhamento. In: SALES, M. V. S. (Org.). **Tecnologias digitais, redes e educação: perspectivas contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 1ed, 2020.

COUTO, E. S.; SOUZA, J.D.F. Whatsapp com função stories: ensinar e aprender na magia do instante. In: PORTO, C., OLIVEIRA, K.E.; CHAGAS, A. **Whatsapp e educação: entre mensagens, imagens e sons**. Salvador: Ilhéus: EDUFBA, 2017

COUTO, E. S., & CRUZ, I. de M. P. #FiqueemCasa: Educação na pandemia da COVID-19. **Educação**, v. n, 3, 200–217, 2010.

CRESWELL, J W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 3ed, 2010.

D'ÁVILA. Cristina Métodos e técnicas de ensino e aprendizagem para a Educação Superior: cardápio pedagógico / Cristina D'Ávila. - Salvador: EDUFBA, 2021. 125 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

FINARDI, K; PORCINO, M. C. Facebook na ensinagem de inglês como língua adicional. In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. **Redes Sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola Editorial, p. 93-109, 2016.

FICOSECO, V. S.; GAONA, M. D. Espacios online educativos a partir de la percepción de la propia experiencia de estudiantes universitarias/os. **Revista Entreideias: educação, cultura e**

**sociedade**, [S. l.], v. 10, n. 1, 2021. DOI: 10.9771/re.v10i1.37979. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/37979>. Acesso em: 29 set. 2023.

FRANCO, M. A. S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Rev. bras. Estud. pedagog. (on-line)**, Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez. 2016.

GARÇON, Marcia Maria; YANAZE, Mitsuru Higuchi. O potencial da autenticidade para diferenciação das marcas: uma perspectiva conceitual. **ReMark - Revista Brasileira de Marketing**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 130–139, 2017. DOI: 10.5585/remark.v16i1.3339. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/remark/article/view/12171>. Acesso em: 22 set. 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

Gomes, Luiz. (2019). Vídeos didáticos: uma proposta de critérios para análise. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. 89. 10.24109/2176-6681.rbep.89i223.688.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 18 ed., 2001.

GOMES, L. F. Redes sociais e escola: o que temos de aprender? In: ARAÚJO, J; LEFFA, V. **Redes Sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

GORDON, Mordechai. **Humor, Laughter and Human Flourishing: A Philosophical Exploration of the Laughing Animal**. New York: Springer, 2014.

HASHEMI, B. The investigation of factors affecting the adoption of ICTs among English language teachers in ESL context. **International Journal of Language Learning and Applied Linguistic World**, [S.I.], v. 4, n. 1, p. 55-70, 2013.

HERLISYA, D.; WIRATNO, P. Having Good Speaking English through Tik Tok Application. **Journal Corner of Education, Linguistics, and Literature**, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 191–198, 2022.

INWOOD, Michael. **Dicionário Heidegger**. Tradução de Luísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

JARVIE, H.; ACHILLEOS, M. From Computer Assisted Language Learning (CALL) to Mobile Assisted Language Use (MALU). **TESL – EJ, Teaching English as a Second or Foreign Language**. [S.I.], v. 16, n. 4, p. 1-18, 2013.

KENSKI, I. M. Cultura Digital. In: MILL, D. **Dicionário crítico de Educação e tecnologias e de educação a distância**. Campinas, SP: Papirus, 2018.

LIMA, T. A. S.; GOMES, B. S. M. . **Reflexões sobre a influência das crenças: o processo de ensino e aprendizagem na formação do professor de Língua Inglesa**. In: 11 Encontro Internacional de Formação de Professores/12 Fórum Permanente de Inovação Educacional / 4 Encontro Estadual da Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação - Seção Sergipe, 2018, Aracaju. A Formação Ética, Estética e Política do Professor Da Educação Básica. #FormaçãoDeProfessores. Aracaju: Editora Tiradentes, 2018. v. 11. p. 01-11. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/enfope/article/view/9139>. Acesso em 03.Jun. 2021

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 4.ed., 2008.

LÉVY, P. A revolução digital só está no começo. [Entrevista cedida a] Juremir Machado Silva. *Correio do Povo*, [s. l.], 14 abr. 2015. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/entrevistas/pierre-levy-a-revolucao-digital-so-esta-no-come-co#:~:text=Avan%C3%A7amos%20rapidamente%20para%2050%25%20e,a%20maioria%20esteja%20permanentemente%20conectada>. Acesso em 10. Mar. 2022

MOREIRA, J. A. M; HENRIQUES, S.; BARROS, D. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Diologia**. São Paulo, n. 34. P. 351-364, jan/abr. 2020.

MARTÍNEZ, L.F. P. A pesquisa qualitativa crítica. In: PÉREZ, M; FABIO, L. **Questões socio-científicas na prática docente: Ideologia, autonomia e formação de professores**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

MEDEIROS, E. A; AMORIM, G. Análise textual discursiva: dispositivo analítico de dados qualitativos para a pesquisa em educação. **Laplage em Revista**, vol. 3, núm. 3, 2017.

MONTEIRO, J. C. da S. Aprendizagem criativa no TikTok: novas possibilidades de ensinar e aprender durante o isolamento social. **Open Minds International Journal**, v. 2, n. 1, p. 47-53, 2021.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Análise Textual Discursiva: processo constitutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, São Paulo, v.12, n.1, p. 117-128, abr. 2006.

PETRUCCI, Valéria Bezzera Cavalcanti; BATISTON, Renato Reis. **Estratégias de ensino e avaliação de aprendizagem em contabilidade**. In: PELEIAS, Ivam Ricardo. (Org.) *Didática do ensino da contabilidade*. São Paulo: Saraiva, 2006.

POELL, T; NIEBORG, D; VAN DIJCK, J. Plataformização. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, v. 22, n. 1, p. 2-10, jan/abril, 2020.

PRETTO, N. L. **Uma escola com/sem futuro: educação e multimídia**. Salvador: EDUFBA, 9. ed. 2013.

QUEIROZ, Bárbara; REZENDE, Renata. “Desconhecidos Íntimos”: A transformação da intimidade no Facebook. In: **ANAIS do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belém**: [s.n.], 2019. p. 1-15.

RECUERO, R. **Introdução à análise de redes sociais**. Salvador: EDUFBA, 2017.

SALGADO, D. Pesquisa TikTok no Brasil: hábitos e comportamento dos usuários da rede que não para de crescer!. **Blog Opinion Box**. Minas Gerais, 15 de julho de 2022. Disponível em: <https://blog.opinionbox.com/pesquisa-tiktok-no-brasil/>. Acesso em: 27. Set. 2022

SANTAELLA, L.; LEMOS, R. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, E.; MARTINS, V. Cibervídeos e multiletramentos na educação online. **Revista Observatório**, v. 4, n. 5, p. 231-262, 1 ago. 2018.

SILVA, J. S. **Os desafios de navegar: a colaboração como bússola da formação contínua de professores de língua inglesa mediante as novas TIC 2011**. 209 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011

SOLOMON, S. **Incorporating Social Media into the Classroom: A Case Study on How TikTok can be Immersed into Classroom Pedagogy**. Master of Science in Education | Master's Theses. 39, 2021.

SYAIFUDDIN, W. M. A.; NABILAH, A; LARASSATI M.P.; LAZUWARDIYYAH, F. Students' perception toward the use of tiktok video in learning writing descriptive text at MAN 1 Gresik. **Journal of Research on English and Language Learning**. V. 2, n. 1, p. 16-21, 2021.

VALENTE, Jonas Chagas Lucio. Apresentação do dossiê temático “Plataformas digitais, economia e poder“. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura - Eptic**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 78–96, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/13032>. Acesso em: 27 set. 2023.

VALOMIM, J. N. **Análise da potencialidade das TDICs como meio para promoção de metodologias ativas e aprendizagem significativa**. 2020. 39 F. Monografia (Especialização) Especialização em Tecnologias, Comunicação e Técnicas de Ensino Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba. 2020.

VAN DJICK, J. Entrevista: A sociedade da plataforma: entrevista com José Van Djick. [Entrevista cedida a] DigiLabour – Laboratório de Pesquisa. 6 de Março de 2019. Disponível em: <https://digilabour.com.br/a-sociedade-da-plataforma-entrevista-com-jose-van-djick/>. Acesso em: 18. Jul. 2022

## ANEXO A – Formulário das entrevistas

**Tabela 2.** Entrevista do Teacher Tiago Rocha

<b>Perfil</b>	@teachertiagorocha
<b>Seguidores</b>	681,6 mil
<b>Sobre as Práticas Pedagógicas</b>	
<b>1.</b> Há quanto tempo você produz conteúdo sobre ensino da língua Inglesa no TikTok?	<i>Há cerca de 2 anos</i>
<b>2.</b> Produz e publica conteúdo similar em outras redes?	<i>Sim, Instagram, Youtube e Kwai</i>
<b>3.</b> Que tipo de conteúdo você produz? (Como você definiria o seu conteúdo?)	<p><i>R: Produzo um conteúdo com uma abordagem cômica e jovial a fim de engajar a audiência, transformando o aprendizado de inglês mais palatável, principalmente em uma plataforma que se estabeleceu por um formato de vídeo orgânico e espontâneo.</i></p> <p><i>Acredito que estou fora da curva, entregando um conteúdo cheio de referências, storytelling e vocabulário, estruturas gramaticais e dicas de pronúncia. Muitos professores na plataforma, apenas sentam, ensinam frases e vocabulário, o que por si só, já é um máximo. Na tentativa de me destacar, busquei ser um professor engraçado que através de bordões, como o <b>In English, please</b>, tenta criar uma conexão que faça com que a audiência sempre para uns minutinhos para ver o conteúdo do dia.</i></p>
<b>4.</b> De que maneira você escolhe o que será ensinado? E como escolhe as estratégias para ensinar cada tema?	<p><i>R: Basicamente, eu crio as situações cômicas onde a aula vai acontecer entre os personagens que interpreto, a partir daí, eu teço as conexões que aquele ambiente podem sugerir pedagogicamente, em termos de estrutura, vocabulário, pronuncia, falso cognatos, etc (sic)</i></p>
<b>5.</b> Quais são os recursos utilizados para a produ-	<i>R: Eu sou formado em cinema, por-</i>

<p>ção desse conteúdo? (materiais, tecnológicos, de edição, correção, pedagógicos, etc.)</p>	<p><i>tanto disponho de câmeras profissionais, microfones, luz, treinamento em roteiro e edição. A ideia é fazer com que cada vídeo pareça uma série da Netflix, que seja empolgante de se ver. Por isso, tanta produção por trás dos vídeos. Do figurino ao cenário, tudo é pensado para dar uma estética harmoniosa e coerente ao que está sendo dito e mostrado na tela;</i></p>
<p><b>6.</b> Como você avalia a sua prática pedagógica na plataforma?</p>	<p><i>R: Acredito que seja bastante positiva. Diariamente recebo feedback tanto de alunos quanto de professores, que usam e indicam meu conteúdo para ser uma ferramenta de aprendizado. Um dos comentários mais comuns que escuto, é que aprendo mais no seu TikTok do que o ano todo na escola.</i></p>
<p><b>Sobre a Motivação</b></p>	
<p><b>1.</b> Por que você resolveu produzir conteúdo de Língua Inglesa para o TikTok?</p>	<p><i>R: Eu queria entrar na produção de conteúdo, e estava a procura de um nicho para desenvolver minhas habilidades de comunicação audiovisual. Percebi um gap na produção de inglês num contexto mais divertido e cinematográfico, e me lancei nesse desafio.</i></p>
<p><b>2.</b> Qual a relação estabelecida entre o seu eu professor e produtor de conteúdo?</p>	<p><i>R: Eles andam conectados, observando o mundo ao redor, investigando, experimentando e buscando oportunidades de ensinar e entreter.</i></p>
<p><b>3.</b> Como você se percebe enquanto produtor de conteúdo?</p>	<p><i>R: Acho que estou fazendo um bom trabalho, estou feliz com as portas que o conteúdo tem aberto, já fui escolhido pelo TikTok para ser embaixador em uma campanha Global, convidado para palestrar em um evento interno do TikTok Latam, ganhei um concurso de creators que me levou para copa do mundo no Qatar com os jogadores da seleção, fui notado por Marcos Mion e Lázaro Ramos que contaram a minha história em suas redes, fui convidado para testes em novelas da Globo e sigo ensinando e mostrando para as</i></p>

	<i>peças que existem maneiras divertidas e leves de aprender inglês e viver todas as oportunidades que essa língua pode proporcionar.</i>
<b>4.</b> Na sua opinião, qual o valor da sua prática para estudantes e aprendizes da Língua Inglesa?	<i>R: O conteúdo é algo muito rápido, não posso dizer que apenas ao ver meus vídeos alguém será capaz de se tornar fluente. Mas estou contribuindo com muitos detalhes do processo de aprendizado da língua, principalmente na parte do peso e métodos tradicionais que deixam o aprendizado mais denso e cansativo. Há muito a ser feito e formulado, não estou inventando a roda, apenas mostrando haver outras possibilidades de aprender inglês, sem ser tão livresca e rígida.</i>

**Tabela 3.** Entrevista da Teacher Mariana Ferrari

<b>Perfil</b>	@_teachermari
<b>Seguidores</b>	31,6 mil
<b>Curtidas (geral)</b>	267,4 mil
<b>Sobre as Práticas Pedagógicas</b>	
<b>1.</b> Há quanto tempo você produz conteúdo sobre ensino da língua Inglesa no TikTok?	<i>1 ano</i>
<b>2.</b> Produz e publica conteúdo similar em outras redes?	<i>Sim</i>
<b>3.</b> Que tipo de conteúdo você produz? (Como você definiria o seu conteúdo?)	<i>Pedagógico (ensino do inglês)</i>
<b>4.</b> De que maneira você escolhe o que será ensinado? E como escolhe as estratégias para ensinar cada tema?	<i>De acordo com estratégias de marketing e de ensino de ESL</i>
<b>5.</b> Quais são os recursos utilizados para a produção desse conteúdo? (materiais, tecnológicos, de edição, correção, pedagógicos, etc.)	<i>Apenas o próprio aplicativo (tiktok, instagram) e o capcut</i>
<b>6.</b> Como você avalia a sua prática pedagógica na plataforma?	<i>Básica, mais superficial</i>



<b>Sobre a Motivação</b>	
1. Por que você resolveu produzir conteúdo de Língua Inglesa para o TikTok?	<i>Para ter maior alcance e visualizações com possibilidade de ter mais clientes</i>
2. Qual a relação estabelecida entre o seu eu professor e produtor de conteúdo?	<i>Sou as duas pessoas</i>
3. Como você se percebe enquanto produtor de conteúdo?	<i>Não por mim, mas pelo que me dizem, as pessoas gostam bastante do meu conteúdo, da minha pronúncia e veem bastante valor no conteúdo.</i>
4. Na sua opinião, qual o valor da sua prática para estudantes e aprendizes da Língua Inglesa?	<i>Acredito que inicialmente a pronúncia na língua inglesa junto com a carisma e/ou simpatia. Depois as pessoas vão percebendo outros atributos. (sic)</i>

**Tabela 4.** Entrevista com a Teacher Karen Piunti

<b>Perfil</b>	@karen piunti
<b>Seguidores</b>	28,1 mil
<b>Curtidas (geral)</b>	166,3 mil
<b>Sobre as Práticas Pedagógicas</b>	
1. Há quanto tempo você produz conteúdo sobre ensino da língua Inglesa no TikTok?	<i>Há 1 ano</i>
2. Produz e publica conteúdo similar em outras redes?	<i>Ainda não, estou começando</i>
3. Que tipo de conteúdo você produz? (Como você definiria o seu conteúdo?)	<i>Meu conteúdo principal é explorar a etimologia, a origem das palavras, não só da língua inglesa, mas de outros idiomas que trabalho também.</i>
4. De que maneira você escolhe o que será ensinado? E como escolhe as estratégias para ensinar cada tema?	<i>Normalmente, acompanho as trends para abordar os assuntos do momento. E a estratégia é buscar ser o mais dinâmico e didático possível.</i>
5. Quais são os recursos utilizados para a produção desse conteúdo? (materiais, tecnológicos, de edição, correção, pedagógicos, etc.)	<i>A gravação é feita pelo celular mesmo, com edição pelo CapCut. Sempre fazendo muita pesquisa, procurando fontes bibliográficas diversas, pra oferecer a informação mais precisa</i>

	<i>possível.</i>
<b>6.</b> Como você avalia a sua prática pedagógica na plataforma?	<i>Eu ainda estou em fase de teste, buscando dialogar com os seguidores, entendendo as necessidades, tentando trazer o que eles mais precisam.</i>
<b>Sobre a Motivação</b>	
<b>1.</b> Por que você resolveu produzir conteúdo de Língua Inglesa para o TikTok?	<i>Porque eu queria trazer um conteúdo sobre Educação para o TikTok. Queria encontrar formas de dialogar com a nova geração, mostrar que dá pra se divertir na plataforma e, também, estudar, aprender.</i>
<b>2.</b> Qual a relação estabelecida entre o seu eu professor e produtor de conteúdo?	<i>A questão de espalhar conhecimento. Quero produzir conteúdo das coisas que aprendi pra ajudar as outras pessoas.</i>
<b>3.</b> Como você se percebe enquanto produtor de conteúdo?	<i>Acho que todo professor já é um produtor de conteúdo nato. A gente tem muito material para compartilhar.</i>
<b>4.</b> Na sua opinião, qual o valor da sua prática para estudantes e aprendizes da Língua Inglesa?	<i>Acho que não é exaustivo, o aluno tem que se valer de outras formas também, já que estudar é um conjunto de várias técnicas. Porém, se em vídeos curtos já puder tirar pequenas dúvidas que os alunos tem, já acho que foi um esforço de grande valia. ☐ 😊</i>